

## ***A harpa do crente*, de Alexandre Herculano**

### **Texto proveniente de:**

Algo Sobre Vestibular e Concurso

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Qualquer dúvida entre em contato conosco pelo email [falecom@algosobre.com.br](mailto:falecom@algosobre.com.br)

<http://www.algosobre.com.br>

Texto-base digitalizado por:

Projecto Vercial - Literatura Portuguesa

Este texto pode ser redistribuído livremente, desde que mantidas as informações acima.

**ALEXANDRE HERCULANO**

**A HARPA DO CRENTE**

1837

ÍNDICE

*A Semana Santa*

*A Voz*

*A Arrábida*

*Mocidade e Morte*

*Deus*

*A Tempestade*

*O Soldado*

*D. Pedro*

*A Vitória e a Piedade*

*A Cruz Mutilada*

## A SEMANA SANTA

*Der Gedanke Gott weckt einen  
fürchterlichen Nachhar auf. Sein Name  
heisst Richter.*

SCHILLER

I

Tíbio o sol entre as nuvens do ocidente,  
Já lá se inclina ao mar. Grave e solene  
Vai a hora da tarde! O oeste passa  
Mudo nos troncos da alameda antiga,  
Que à voz da Primavera os gomos brota:  
O oeste passa mudo, e cruza o átrio  
Pontiagudo do templo, edificado  
Por mãos duras de avós, em monumento  
De uma herança de fé que nos legaram,  
A nós seus netos, homens de alto esforço,  
Que nos rimos da herança, e que insultamos  
A Cruz e o templo e a crença de outras eras;  
Nós, homens fortes, servos de tiranos,  
Que sabemos tão bem rojar seus ferros  
Sem nos queixar, menosprezando a Pátria  
E a liberdade, e o combater por ela.  
Eu não! – eu rujo escravo; eu creio e espero  
No Deus das almas generosas, puras,  
E os déspotas maldigo. Entendimento  
Bronco, lançado em século fundido  
Na servidão de gozo ataviada,  
Creio que Deus é Deus e os homens livres!

II

Oh, sim! – rude amator de antigos sonhos,  
Irei pedir aos túmulos dos velhos  
Religioso entusiasmo; e canto novo  
Hei-de tecer, que os homens do futuro  
Entenderão; um canto escarnecido  
Pelos filhos dest' época mesquinha.  
Em que vim peregrino a ver o mundo,  
E chegar a meu termo, e reclinar-me

À branda sombra de cipreste amigo.

### III

Passa o vento os do pórtico da igreja  
Esculpidos umbrais: correndo as naves  
Sussurrou, sussurrou entre as colunas  
De gótico lavor: no órgão do coro  
Veio, enfim, murmurar e esvaecer-se.

### IV

Mas porque sou o vento? Está deserto,  
Silencioso ainda o sacro templo:  
Nenhuma voz humana ainda recorda  
Os hinos do Senhor. A natureza  
Foi a primeira em celebrar seu nome  
Neste dia de luto e de saudade!  
Trevas da quarta-feira, eu vos saúdo!  
Negras paredes, mudos monumentos  
De todas essas orações de mágoa,  
De gratidão, de susto ou de esperança.

Depositadas ante vós nos dias  
De fervorosa crença, a vós que enluta  
A solidão e o dó, venho eu saudar-vos.  
A loucura da Cruz não morreu toda (1)  
Após dezoito séculos! Quem chore  
Do sofrimento o Herói existe ainda.  
Eu chorarei – que as lágrimas são dó homem –  
Pelo Amigo do povo, assassinado  
Por tiranos, e hipócritas, e turbas  
Envilecidas, bárbaras, e servas.

### V

Tu, Anjo do Senhor, que acendes o estro;  
Que no espaço entre o abismo e os céus vagueias,  
Donde mergulhas no oceano a vista;  
Tu que do trovador à mente arrojias  
Quanto há nos céus esperançoso e belo,  
Quanto há no abismo tenebroso e triste,  
Quanto há nos mares majestoso e vago,  
Hoje te invoco! – oh, vem! –, lança em minha alma  
A harmonia celeste e o fogo e o génio,  
Que dêem vida e vigor a um carne pio.

## VI

A noite escura desce: o Sol de todo  
Nos mares se atufou. A luz dos mortos,  
Dos brandões o clarão, fulgura ao longe  
No cruzeiro somente e em volta da ara:  
E pelas naves começou ruído  
De compassado andar. Fiéis acodem  
À morada de Deus, a ouvir queixumes  
Do vate de Sião. Em breve os monges,  
Suspirosas canções aos Céus erguendo,  
Sua voz unirão à voz desse órgão,  
E os sons e os ecos reboarão no templo.  
Mudo o coro depois, neste recinto  
Dentro em bem pouco reinará silêncio,  
O silêncio dos túmulos, e as trevas  
Cobrirão por esta área a luz escassa  
Despedida das lâmpadas. que pendem  
Ante os altares, bruxuleando frouxas.

Imagem da existência! Enquanto passam  
Os dias infantis, as paixões tuas,  
Homem, qual então és, são débeis todas.  
Cresceste: ei-las torrente, em cujo dorso  
Sobrenadam a dor e o pranto e o longo  
Gemido do remorso, a qual lançar-se  
Vai com rouco estridor no antro da morte,  
Lá, onde é tudo horror, silêncio, noite.  
Da vida tua instantes florescentes  
Foram dois, e não mais: as câs e rugas,  
Logo, rebate de teu fim te deram.  
Tu foste apenas som, que, o ar ferindo,  
Murmurou, esqueceu, passou no espaço.

E a casa do Senhor ergueu-se. O ferro  
Cortou a penedia; e o canto enorme  
Polido alveja ali no espesso pano  
Do muro colossal, que era após era,  
Como onda e onda ao desdobrar na areia,  
Viu vir chegando e adormecer-lhe ao lado.  
O ulmo e o choupo no cair rangeram  
Sob o machado: a trave afeiçoou-se;  
Lá no cimo pousou: restruge ao longe  
De martelos fragor, e eis ergue o templo,  
Por entre as nuvens, bronzeadas grimpas.

Homem, do que és capaz! Tu, cujo alento  
Se esvai, como da cerva a leve pista  
No pó se apaga ao respirar da tarde,  
Do seio dessa terra em que és estranho,  
Sair fazes as moles seculares,  
Que por ti, mono, falem; dás na ideia  
Eterna duração às obras tuas.  
Tua alma é imortal, e a prova a deste!

## VII

Anoiteceu. Nos claustros ressoando  
As pisadas dos monges ouço: eis entram;  
Eis se curvaram paru o chão, beijando  
O pavimento, a pedra. Oh, sim, beijai-a!  
Igual vos cobrirá a cinza um dia,  
Talvez em breve – e a mim. Consolo ao morto  
É a pedra do túmulo. Sê-lo-ia  
Mais, se do justo só a herança fora;  
Mas também ao malvado é dada a campa.

E o criminoso dormirá quieto  
Entre os bons soterrado? Oh, não! Enquanto  
No templo ondeiam silenciosas turbas,  
Exultarão do abismo os moradores,  
Vendo o hipócrita vil, mais ímpio que eles,  
Que escarnece do Eterno, e a si se engana;  
Vendo o que julga que orações apagam  
Vícios é crimes. e o motejo e o riso  
Dado em resposta às lágrimas do pobre;  
Vendo os que nunca ao infeliz disseram  
De consolo palavra ou de esperança.  
Sim: malvados também hão-de pisar-lhes  
Os frios restos que separa a terra,  
Um punhado de terra, a qual os ossos  
Destes há-de cobrir em tempo breve,  
Como cobriu os seus; qual vai sumindo  
No segredo da campa a humana raça.

## VIII

Eis que a turba rareia. Ermam bem poucos  
Do templo na amplidão: só lá no escuro  
De afumada capela o justo as preces  
Ergue pio ao Senhor, as preces puras  
De um coração que espera, e não mentidas  
De lábios de impostor, que engana os homens

Com seu meneio hipócrita, calando  
Na alma lodosa da blasfêmia o grito.  
Então exultarão os bons, e o ímpio,  
Que passou, tremerá. Enfim, de vivos,  
Da voz, do respirar o som confuso  
Vem confundir-se no ferver das praças,  
E pela galilé só ruge o vento.  
Em trevas não, ficou silenciosas  
O sagrado recinto: os candeeiros,  
No gelado ambiente ardendo a custo,  
Espalham débeis raios, que reflectem  
Das pedras pela alvura; o negro mocho,  
Companheiro do morto, hórrido pio  
Solta lâ da cornija: pelas fendas  
Dos sepulcros desliza fumo espesso;  
Ondeia pela nave, e esvai-se. Longo  
Suspirar não se ouviu? Olhai!, lá se erguem,  
Sacudindo o sudário, em peso os morros!  
Mortos, quem vos chamou? O som da tuba  
Ainda do Josafat não fere os vales.  
Dormi, dormi: deixai passar as eras...

## IX

Mas foi uma visão: foi como cena  
D' imaginar febril. Criou-se, acaso  
Do poeta na mente, ou desvendou-lhe  
A mão de Deus o íntimo ver da alma,  
Que devassa a existência misteriosa  
Do mundo dos espíritos? Quem sabe?  
Dos vivos já deserta, a igreja torva  
Repovoou-se, para mim ao menos,  
Dos extintos, que ao pé das santas aras  
Leito comum na sonolência extrema  
Buscaram. O terror, que arreda o homem  
Do limiar do tempo às horas mortas,  
Não vem de crença vã. Se fulgem astros,  
Se a luz da Lua estira a sombra eterna  
Da cruz gigante (que campeia erguida  
No vértice do tímpano, ou no cimo  
Do coruchéu do campanário) ao longo  
Dos inclinados tectos, afastai-vos!  
Afastai-vos daqui, onde se passam  
A meia-noite insólitos mistérios;  
Daqui, onde desperta a voz do arcanjo  
Os dormentes da morte; onde reúne  
O que foi forte e o que foi fraco, o pobre

E o opulento, o orgulhoso e o humilde,  
O bom e o mau, o ignorante e o sábio,  
Quantos, enfim, depositar vieram  
!unto do altar o que era seu no mundo,  
Um corpo nu, e corrompido e inerte.

X

E seguia a visão. Cria ainda achar-me,  
Alta noite, na igreja solitária  
Entre os mortos, que, erectos sobre as campas,  
Eram □á pouco um fumo que ondeava  
Pelas fisgas do vasto pavimento.  
Olhei. Do erguido tecto o pano espesso  
Rareava; rareava-me ante os olhos,  
Como ténue cendal; mais ténue ainda,  
Como o vapor de Outono em quarto d'alva,  
Que se libra no espaço antes que desça  
A consolar as plantas conglobado  
Em matutino orvalho. O firmamento  
Era profundo e amplo. Envolto em glória,  
Sobre vagas de nuvens, rodeado  
Das legiões do Céu, o Ancião dos dias,  
O Santo, o Deus descia. Ao sumo aceno  
Parava o tempo, a imensidade, a vida  
Dos mundos a escutar. Era esta a hora  
Do julgamento desses que se alçavam,  
À voz de cima, sobre as sepulturas?

XI

Era ainda a visão. Do templo em meio  
Do anjo da morte a espada flamejante  
Crepitando bateu. Bem como insectos,  
Que à flor de pego pantanoso e triste  
Se balouçavam – quando a tempestade  
Veio as asas molhar nas águas turvas,  
Que marulhando sussurraram – surgem  
Volteando, zumbindo em dança doida,  
E, lassos, vão pousar em longas filas  
Nas margens do paul, de um lado e de outro;  
Tal o murmúrio e a agitação incerta  
Ciciava das sombras remoinhando  
Ante o sopro de Deus. As melodias  
Dos coros celestiais, longínquas, frouxas,  
Com frémito infernal se misturavam  
Em caos de dor e júbilo.

### Dos mortos

Parava, enfim, o vórtice enredado;  
E os grupos vagos em distintas turmas  
Se enfileiravam de uma parle e de outra.  
Depois, o gládio do anjo entre os dois bandos  
Ficou, única luz, que se estirava  
Desde o cruzeiro ao pórtico, e feria  
De reflexo vermelho os largos panos  
Das paredes de mármore, bem como  
Mar de sangue, onde inertes flutuassem  
De humanos vultos indecisas formas.

### XII

E seguia a visão. Do templo à esquerda,  
Mestas as faces, inclinada a fronte,  
Da noite as larvas tinham sobre o solo  
Fito o espantado olhar, e as dilatadas  
Baças pupilas lhes tingia o susto.  
Mas, como zona lúcida de estrelas,  
Nessa atmosfera crassa e afogueada  
Pela espada rubente, refulgiam  
Da direita os espíritos, banhado  
De inenarrável placidez seu gesto.  
Era inteiro o silêncio, e no silêncio  
Uma voz ressoou: «Eleitos, vinde!  
Ide, precitos!» Vacilava a Terra,  
E ajoelhando eu me curvei tremendo.

### XIII

Quando me ergui e olhei, no céu profundo  
Um rastilho de luz pura e serena  
Se ia embebendo nesses mares de orbes  
Infinitos, perdidos no infinito,  
A que chamamos o universo. Um hino  
De saudade e de amor, quase inaudível,  
Parecia romper desde as alturas  
De tempo a tempo. Vinha como envolto  
Nas lufadas do vento, até perder-se  
Em sossego mortal.

#### O curvo tecto

Do templo, então, se condensou de novo,  
E para a Terra o meu olhar volveu-se.  
Da direita os espíritos radiosos  
Já não estavam lá. Chispando a espaços,  
Qual o ferro na incude, a espada do anjo



O mortício rubor mandava. apenas,  
D'aurora boreal quando se extingue.

#### XIV

Prosseguia a visão. Da esquerda às sombras  
Ansiava o seio a dor: tinham no gesto  
Impressa a maldição, que lhes secara  
Eternamente a seiva da esperança.

Como se vê, em noite estiva e negra,  
Cintilar sobre as águas a ardentia,  
Dumas fronte às outras vagueavam  
Ceruleos lumes no esquadrão dos mortos,  
E ao estalar das lousas, grito imenso  
Subterrâneo, abafado e delirante,  
Inefável compêndio de agonias,  
Misturado se ouviu com rir do Inferno,  
E a visão se desfez. Era ermo o templo:  
E despertei do pesadelo em trevas.

#### XV

Era loucura ou sonho? Entre as tristezas  
E os terrores e angústias, que resume  
Neste dia e lugar a avita crença,  
Irresistível força arrebatou-me  
Da sepultura a devassar segredos,  
Para dizer: »Tremei! Do altar à sombra  
Também há mau dormir de sono extremo!«

A justiça de Deus visita os mortos,  
Embora a cruz da redenção proteja  
A pedra tumular; embora a hóstia  
Do sacrifício o sacerdote eleve  
Sobre as vizinhas aras. Quando a igreja  
Rodeiam trevas, solidão e medos,  
Que a resguardam coas asas acurvadas  
Da vista do que vive, a mão do Eterno  
Separa o joio ao bom grão e arroja  
Para os abismos a ruim semente.

#### XVI

Não! – não foi sonho vão, vago delírio  
De imaginar ardente. Eu fui levado,  
Galgando além do tempo, às tardas horas,

Em que se passam cenas de mistério,  
Para dizer: «Tremei! Do altar à sombra  
Também há mau dormir de sono extremo!»

Vejo ainda o que vi: da sepultura  
Ainda o hálito frio me enregela  
O suor do pavor na fronte; o sangue  
Hesita imoto nas inertes veias;  
E embora os lábios murmurar não ousem,  
Ainda, incessante, me repete na alma  
Íntima voz: «Tremei! Do altar à sombra  
Também há mau dormir de sono extremo!»

## XVII

Mas troa a voz do monge, e, enfim, desperto  
O coração bateu. Eia, retumbem  
Pelos ecos do templo os sons dos salmos.  
Que em dia de aflição ignoto vate  
Teceu (2), banhado em dor. Talvez foi ele  
O primeiro cantor que em várias cordas,  
À sombra das palmeiras da Idumeia,  
Soube entoar melodioso um hino.  
Deus inspirava então os trovadores  
Do seu povo querido, e a Palestina,  
Rica dos meigos dons da natureza.  
Tinha o ceptro, também, do entusiasmo.  
Virgem o génio ainda, o estro puro  
Louvava Deus somente, à luz da aurora,  
E ao esconder-se o Sol entre as montanhas  
De Bethoron (3). Agora o génio é morto  
Para o Senhor, e os cantos dissolutos  
De lodoso folguedo os ares rompem,  
Ou sussurram por paços de tiranos,  
Asselados de pútrida lisonja,  
Por preço vil, como o cantor que os tece.

## XVIII

### O SALMO (4)

Quando é grande o meu Deus!... Té onde chega  
O seu poder imenso!  
Ele abaixou os céus. desceu, calcando  
Um nevoeiro denso.  
Dos querubins nas asas radiosas  
Librando-se, voou;

E sobre turbilhões de rijo vento  
O mundo rodeou.  
Ante o olhar do Senhor vacila a Terra,  
E os mares assustados  
Bramem ao longe, e os montes lançam fumo,  
Da sua mão tocados.  
Se pensou no universo, ei-lo patente  
Ante a face do eterno:  
Se o quis, o firmamento os seios abre,  
Abre os seios o Inferno.  
Dos olhos do Senhor, homem, se podes.  
Esconde-te um momento:  
Vê onde encontrarás lugar que fique  
Da sua vista isento:  
Sobe aos Céus, transpõe mares, busca o abismo,  
Lá teu Deus há-de achar;  
Ele te guiará, e a dextra sua  
Lá te há-de sustentar:  
Desce à sombra da noite, e no seu manto  
Envolver-te procura...  
Mas as trevas para ele não são trevas,  
Nem é a noite escura.  
No dia do furor, em vão buscaras  
Fugir ante o Deus forte,  
Quando do arco tremendo, irado, impele  
Seta em que pousa a morte.  
Mas o que o teme dormirá tranquilo  
No dia extremo seu,  
Quando na campa se rasgar da vida  
Das ilusões o véu.

## XIX

Calou-se o monge: sepulcral silêncio  
À sua voz seguiu-se. Uma toada  
De órgão rompeu do coro (5). Assemelhava  
O suspiro saudoso, e os ais de filha,  
Que chora solitária o pai, que dorme  
Seu último, profundo e eterno sono.  
Melodias depois soltou mais doces.  
O severo instrumento: e ergueu-se o canto,  
O doloroso canto do profeta,  
Da pátria sobre o fado. Ele, que o vira,  
Sentado entre ruínas, contemplando  
Seu avito esplendor, seu mal presente,  
A queda lhe chorou. Lá na alta noite,  
Modulando o Nébel (6), via-se o vate

Nos derribados pórticos, abrigo  
Do imundo stélio (7) e gemedora poupa.  
Extasiado – e a lua cintilando  
Na sua calva fronte, onde pesavam  
Anos e anos de dor. Ao venerando  
Nas encovadas faces fundos regos  
Tinham aberto as lágrimas. Ao longe,  
Nas margens do Cédron, a rã grasnando (8)  
Quebrava a paz dos túmulos. Que túmulo  
Era Sião! – o vasto cemitério  
Dos fortes de Israel. Mais venturosos  
Que seus irmãos, morreram pela pátria;  
A pátria os sepultou dentro em seu seio.  
Eles, em Babilónia, aos punhos ferros,  
Passam de escravos miseranda vida,  
Que Deus pesou seus crimes, e. ao pesá-los,  
A dextra lhe vergou. Não mais no templo  
A nuvem repousara, e os céus de bronze  
Dos profetas aos rogos se amostravam.  
O vate de Anatoth (9) a voz soltara  
Entre o povo infiel, de Eloha em nome (10):  
Ameaças, promessas, tudo inútil;  
De bronze os corações não se dobraram.  
Vibrou-se a maldição. Bem como um sonho,  
Jerusalém passou: sua grandeza  
Somente existe em derrocadas pedras.  
O vate de Anatoth, sobre seus restos,  
Com triste canto deplorou a pátria.  
Hino de morte alçou: da noite as larvas  
O som lhe ouviram: 'squalido esqueleto,  
Rangendo os ossos, dentre a hera e musgos  
Do pórtico do templo erguia um pouco,  
Alvejando, a caveira. Era-lhe alívio  
Do sagrado cantor a voz suave  
Desferida ao luar, triste, no meio  
Da vasta solidão que o circundava.  
O profeta gemeu: não era o estro,  
Ou o vívido júbilo que outrora  
Inspirara Moisés (11): o sentimento  
Foi sim pungente de silêncio e morte,  
Que da pátria lhe fez sobre o cadáver  
A elegia da noite erguer e o pranto  
Derramar da esperança e da saudade.

XX

A LAMENTAÇÃO (12)

Como assim jaz e solitária e queda  
Esta cidade outrora populosa!  
Qual viúva, ficou e tributária  
    A senhora das gentes.  
Chorou durante a noite; em pranto as faces,  
Sozinha, entregue á dor, nas penas suas  
Ninguém a consolou: os mais queridos  
    Contrários se tornaram.  
Ermas as praças de Sião e as ruas,  
Cobre-as a verde relva: os sacerdotes  
Gemem; as virgens pálidas suspiram  
    Envoltas na amargura.  
Dos filhos de Israel nas cavas faces  
Está pintada a macilenta fome;  
Mendigos vão pedir, pedir a estranhos,  
    Um pão de infâmia eivado.  
O trémulo ancião, de longe, os olhos  
Volve a Jerusalém, dela fugindo:  
Vê-a, suspira, cai, e em breve expira  
    Com seu nome nos lábios.  
Que horror! – ímpias as mães os tenros filhos  
Despedaçaram: bárbaras quais tigres,  
Os sanguinosos membros palpitantes  
    No ventre sepultaram.  
Deus, compassivo olhar volve a nós tristes:  
Cessa de Te vingar! Vê-nos escravos,  
Servos de servos em país estranho.  
    Tem dó de nossos males!  
Acaso serás Tu sempre inflexível?  
Esqueceste de todo a nação tua?  
O pranto dos Hebreus não Te comove?  
    És surdo a seus lamentos?

## XXI

Doce era a voz do velho: o som do Nablo  
Sonoro: o céu sereno: clara a Terra  
Pelo brando fulgor do astro da noite:  
E o profeta parou. Erguidos tinha  
Os olhos paru o céu, onde buscava  
Um raio de esperança e de conforto:  
E ele calara já, e ainda os ecos,  
Entre as ruínas sussurrando, ao longe  
Iam os sons levar de seus queixumes.

## XXII

Choro piedoso, o choro consagrado  
Às desditas dos seus. Honra ao profeta:  
Oh, margens do Jordão, país formoso  
Que fostes e não sois, também suspiro  
Condoído vos dou. Assim fenecem  
Impérios, reinos, solidões tornados!...  
Não: Nenhum deste morto: o peregrino  
Pára em Palmira e pensa. O braço do homem  
A sacudiu à Terra, e fez dormissem  
O seu último sono os filhos dela –  
E ele o veio dormir pouco mais longe...  
Mas se chega a Sião treme, enxergando  
Seus lacerados restos. Pelas pedras,  
Aqui e ali dispersas, ainda escrita  
Parece ver-se uma inscrição de agouros,  
Bem como aquela que alertou um ímpio (13),  
Quando, no meio de ruidosa festa,  
Blasfemava dos Céus, e mão ignota  
O dia extremo lhe apontou dos crimes.  
A maldição do Eterno está vibrada  
Sobre Jerusalém! Quanto é terrível  
A vingança de Deus! O Israelita,  
Sem pátria e sem abrigo, vagabundo,  
Ódio dos homens, neste mundo arrasta  
Urna existência mais cruel que a morte,  
E que vem terminar a morte e inferno.  
Desgraçada nação! Aquele solo  
Onde manava o mel, onde o carvalho,  
O cedro e a palma o verde ou claro ou torvo,  
Tão grato à vista, em bosques misturavam;  
Onde o lírio e a cecém nos prados tinham  
Crescimento espontâneo entre as roseiras,  
Hoje, campo de lágrimas, só cria  
Humilde musgo de escavados cerros (14).

### XXIII

Ide vós a Mambré (15). Lá, bem no meio  
De um vale, outrora de verdura ameno,  
Erguia-se um carvalho majestoso.  
Debaixo de seus ramos largos dias  
Abraão repousou. Na Primavera  
Vinham os moços adornar-lhe o tronco (16)  
De capelas cheirosas de boninas,  
E coreias gentis traçar-lhe em roda.  
Nasceu com o orbe a planta venerável,

Viu passar gerações, julgou seu dia  
Final fosse o do mundo, e quando airosa  
Por entre as densas nuvens se elevava,  
Mandou o Nume aos aquilões rugissem.  
Ei-la por terra! As folhas, pouco a pouco,  
Murcharam-se caindo, e o rei dos bosques  
Serviu de pasto aos tragadores vermes.  
Deus estendeu a mão: no mesmo instante  
A vinha se mirrou: junto aos ribeiros  
Da Palestina os plátanos frondosos  
Não mais cresceram, como dantes, belos:  
O armento, em vez de relva, achou nos prados  
Somente ingratas, espinhosas urzes.  
No Gólgota plantada, a Cruz clamara (17)  
«Justiça!» A tal clamor horrído espectro  
No Moríá surgiu (18). Era seu nome  
Assolação. E, despregando um grito,  
Caiu com longo som de um povo a campa.  
Assim a herança de Judá, outrora  
Grata ao Senhor, existe só nos ecos  
Do tempo que já foi, e que há passado  
Como hora de prazer entre desditas.

.....  
XXIV

Minha pátria onde existe?  
É lá somente!  
Oh, lembrança da Pátria acabrunhada  
Um suspiro também tu me hás pedido;  
Um suspiro arrancado aos seios d'alma  
Pela ofuscada glória, e pelos crimes  
Dos homens que ora são, e pelo opróbrio  
Da mais ilustre das nações da Terra!

A minha triste pátria era tão bela,  
E forte, e virtuosa!, e ora o guerreiro  
E o sábio e o homem bom acolá dormem,  
Acolá, nos sepulcros esquecidos,  
Que a seus netos infames nada contam  
Da antiga honra e pudor e eternos feitos.  
O escravo português agrilhado  
Carcomir-se lhes deixa junto às lousas  
Os decepados troncos desse arbusto,  
Por mãos deles plantado à liberdade,  
E por tiranos derribado em breve,  
Quando pátrias virtudes se acabaram,

Como um sonho da infância!...  
O vil escravo,  
Imerso em vícios, em bruteza e infâmia,  
Não erguerá os macerados olhos  
Para esses troncos, que destroem vermes  
Sobre as cinzas de heróis, e, aceso em pejo,  
Não surgirá jamais? Não há na Terra  
Coração português que mande um brado  
De maldição atroz, que vá cravar-se  
Na vigília e no sono dos tiranos,  
E envenenar-lhes o prazer por noites  
De vil prostituição, e em seus banquetes  
De embriaguez lançar fel e amarguras?

Não! Bem como um cadáver já corrupto,  
A Nação se dissolve: e em seu letargo  
O povo, envolto na miséria, dorme.

#### XXV

Oh, talvez. como o vate, ainda algum dia  
Terei de erguer à Pátria hino de morte,  
Sobre seus mudos restos vagueando!  
Sobre seus restos? Nunca! Eterno, escuta  
Minhas preces e lágrimas: sé em breve,  
Qual jaz Sião, jazer deve Ulisseia;  
Se o anjo do extermínio há-de riscá-la  
Do meio das nações, que dentre os vivos  
Risque também meu nome, e não me deixe  
Na Terra vaguear, órfão de pátria.

#### XXVI

Cessou da noite a grão solenidade  
Consagrada à tristeza e a memorandas  
Recordações: os monges se prostraram,  
A face unida à pedra. A mim, a todos,  
Correm dos alhos lágrimas suaves  
De compunção. Ateu, entra no templo:  
Não temas esse Deus, que os lábios negam  
E o coração confessa. A corda do arco  
Da vingança, em que a morte se debruça,  
Frouxa está; Deus é bom: entra no templo.  
Tu, para quem a morte ou vida é forma,  
Forma somente de mais puro barro,  
Que nada crês, e em nada esperas, olha,  
Olha o conforto do cristão. Se o cálix



Da amargura a provar os Céus lhe deram,  
Ele se consolou: bálsamo santo  
Piedosa fé no coração lhe verte.  
«Deus compaixão terá!» Eis seu gemido:  
Porque a esperança lhe sussurra em torno:  
«Aqui, ou lá... a Providência é justa.»

Ateu, a quem o mal fizera escravo,  
Teu futuro qual é? Quais são teus sonhos?  
No dia da aflição emudeceste  
Ante o espectro do mal. E a quem alçadas  
O gemente clamor? Ao mar, que as ondas  
Não altera por ti? Ao ar, que some  
Pela sua amplidão as queixas tuas?  
Aos rochedos alpestres, que não sentem,  
Nem sentir podem teu gemido inútil?  
Tua dor, teu prazer, existem, passam,  
Sem porvir, sem passado e sem sentido.  
Nas angústias da vida, o teu consolo  
O suicídio é só, que te promete  
Rica messe de gozo, a paz do nada!  
E ai de ti, se buscaste, enfim, repouso,  
No limiar da morte indo assentar-te!  
Ali grita uma voz no último instante  
Do passamento: a voz aterradora  
Da consciência é ela. E hás-de escutá-la  
Mau grado teu: e tremerás em sustos,  
Desesperado aos Céus erguendo os olhos  
Iradados, de través, amortecidos;  
Aos Céus, cujo caminho a Eternidade  
Coa vagarosa mão te vai cerrando,  
Para guiar-te à solidão das dores,  
Onde maldigas teu primeiro alento,  
Onde maldigas teu extremo arranco,  
Onde maldigas a existência e a morte.

## XXVII

Calou tudo no templo: o céu é puro,  
A tempestade ameaçadora dorme.  
No espaço imenso os astros cintilantes  
O rei da criação louvam com hinos,  
Não ouvidos por nós nas profundezas  
Do nosso abismo. E aos cantos do universo,  
Ante milhões de estrelas, que recamam  
O firmamento, ajuntará seu canto  
Mesquinho trovador? Que vale uma haspa

Mortal no meio da harmonia etérea,  
No concerto da noite? Oh, no silêncio,  
Eu pequenino verme irei sentar-me  
Aos pés da Cruz nas trevas do meu nada.  
Assim se apaga a lâmpada nocturna  
Ao despontar do Sol o alvor primeiro:  
Por entre a escuridão deu claridade;  
Mas do dia ao nascer, que já rutila,  
As torrentes de luz vertendo ao longe,  
Da lâmpada o clarão sumiu-se, inútil,  
Nesse fúlgido mar, que inunda a Terra.

## NOTAS

Eis o poema da minha mocidade: são os únicos versos que conservo desse tempo, em que nada neste mundo deixava para mim de respirar poesia. Se hoje me dissessem: faz um poema de quinhentos versos acerca da Semana Santa. eu olharia ao primeiro aspecto esta proposição como um absurdo: entretanto, eu mesmo há nove anos realizei esse absurdo. Não é esta a primeira das minhas contradições, e espero em Deus, e na minha sincera consciência, que não seja a última.

Quando compus estes versos, ainda eu possuía toda a vigorosa ignorância da juventude; ainda eu cria conceber toda a magnificência do grande drama do cristianismo, e que a minha harpa estava afinada para cantar um tal objecto. Enganava-me: a Semana Santa do poeta não saiu semelhante à Semana Santa da religião. O que é esta, de feito? Um poema representado, um drama, cuja essência é um facto universal, o maior de todos; o que veio mudar ideias, civilização e destinos do género humano inteiro. Tinha eu forças para o tratar? Não por certo: porque até hoje só houve um Klopstock; talvez só um haverá até à consumação dos séculos.

Assim, eu corri as memórias do passado, e as esperanças do futuro; chorei sobre Jerusalém e sobre a minha pátria: subi aos Céus, e desci aos Infernos: saudei o Sol, e as trevas da noite; em tudo e em toda a parte busquei inspirações, menos onde as devia buscar; porque acima da minha compreensão estava o meu objecto – a redenção e as suas consequências. Foi disto justamente que eu não tratei; e era disto que eu devia tratar, se o Pudesse ou soubesse fazer.

Porque, pois, não acompanharam estes versos os outros da primeira mocidade no caminho da fogueira" Porque publico um poema falho na mesmíssima essência da sua concepção?

Porque tenho a consciência de que há aí poesia; e porque não há poeta, que, tendo essa consciência, consinta de bom grado em deixar nas trevas o fruto das suas vigílias.

(1) *A loucura da Cruz não morreu toda:*

Verbum enim Crucis pereuntibus quidem stultitia est.

Porque a palavra da Cruz é, na verdade. uma estultícia para os que se perdem.

*Paul. ad Corinth. C 1-18*

(2) *ignoto vate / Teceu*: ainda que os salmos se atribuam geralmente a David, há cerca disso muita incerteza, e o que, ao menos, parece indubitável é que alguns lhe não pertencem, por falarem no cativo de Babilónia e trazerem alusões a épocas mais recentes. Verdade é que se chegou a crer herética semelhante opinião; mas os padres gregos, e com eles Santo Hilário e S. Jerónimo, julgam absurdo atribuí-los todos a David. Esdras, voltando do cativo, foi quem reuniu estes hinos, e nessa coleção é provável fizesse entrar todas as poesias hebraicas deste género lírico e religioso.

(3) *E ao esconder-se o Sol entre as montanhas / De Bethoron*: Bethoron inferior, cidade situada perto da Gadara, ou Gazara, e de Bethel, e todas elas em uma série de montanhas no extremo de tribo de Efraim, ao ocidente de Jerusalém. Cumpre não a confundir com a outra Bethoron, ou Bethra, a quatro milhas de Jerusalém para o norte, no caminho de Siquém, ou Naplusa.

(4) O SALMO:

Commotata est, et connemuit terra: iundamenta montium cunturbata sunt, et commota sunt, quoniam iratus est eis.

Ascendit fumus in ira ejus: et ignis a facie ejus exarsit: carbones succensi sunt ab eo.

Inclinavit coelos et descendit: et caligo sub pedibus ejus.

Et ascendit super cherubim, et volavit: volavit super pennas ventorum.

Comoveu-se a Terra e tremeu: os fundamentos dos montes estremeceram e se abalaram, porque se indignou contra eles.

Subiu fumo na ira dele, e saiu fogo ardente do seu rosto; por ele foram incendiados carvões.

Inclinou os Céus e desceu: e obscuridade debaixo dos seus pés.

E subiu sobre querubins, e voou; voou sobre as asas dos ventos.

*Salmo 17 – V. 8-9-10-11*

Quo ib a Spiritu tuo? et quo a facie tua fugiam?

Si ascendero in coelum, tu illic es: si descendero in infernum, ades.

Si sumpsero pennas meas diluculo, et habitavero in extremis maris:

Ete nim illuc manus tua deducet me: et tenebit me dextera tua.

Et dixi: Forsitan tenebrae conculcabunt me: et nox illuminatio mea in deliciis meis;

Quia tenebrae non obscurabuntur a te, et nox sicut dies illuminabitur sicut tenebrae ejus, sicutet lumen ejus.

Como me irei do teu Espírito? e para onde fugirei da tua presença?  
Se subir ao Céu, tu ali te achas: se descer ao Inferno, presente nele estás.  
Se eu tomar as minhas asas, ao romper da alva, e for habitar nas extremidades do mar:

Ainda lá me guiará a tua mão e me susterá a tua direita.

E disse: Talvez me ocultarão as trevas; mas a noite se converte em claridade para me descobrir, entregue às minhas delícias;

Porque as trevas não serão escuras para ti, e a noite será iluminada como o dia; como as trevas daquela, assim são também a luz deste.

*Salmo 138 – V. 7-8-9-10-11-12*

...arcum suum tetendit et paravit illum.

Et in eo paravit vasa mortis, sagittas suas ardentibus effecit.

...armou o seu arco e o tem pronto..

Já pôs nele os instrumentos da morte; já preparou as suas setas ardentes.

*Salmo 7 – V. 13-14*

(5) *À sua voz seguiu-se. Uma toada / De órgão rompeu do coro. Assemelhava:* o órgão é um instrumento propiíssimo para acompanhar os hinos religiosos. Os protestantes, apartando-se da comunhão romana, e fazendo voltar o culto quase à simplicidade primitiva, conservaram nos seus templos este instrumento, cujos sons melódiosos, e ao mesmo tempo severos, se adaptam tão bem às ideias que suscitam os cantos da Igreja. O primeiro órgão que se viu no Ocidente da Europa foi o que mandou, em 758, Constantino Coprónimo, imperador de Constantinopla a Pepino, pai de Carlos Magno. Depois o seu uso se tornou quase exclusivo nos templos. [Os versos em epígrafe são variantes dos que se lêem n'*A Harpa (A sua voz seguiu-se: e um som soturno / De órgão partiu-o; som que assemelhava)*. A alteração ao texto original não implica a sucessão da nota, porque a palavra que a origina (*órgão*) mantém-se.]

(6) *Modulando o Nébel:* o *Nébel*, que os Gregos traduzem por *Psalterion*, ou *Nablon*, era entre os Hebreus um instrumento próprio da música religiosa, como entre os cristãos o órgão.

A sua forma triangular, e o ser instrumento de cordas, fez com que na *Vulgata* se vertesse a palavra hebraica *Nébel*, umas vezes por lira, outras por cítara, sem ser nenhuma das duas coisas. Veja-se a Dissertação de Calmet acerca da música dos Hebreus.

Do imundo stélio:

O estélio é o lagarto da primeira espécie, ou a salamandra de Lacepede. *Stellio manibus nititur et moratur in aedibus regis.*

Migale, et chamaeleon, et stellio, et lacerta, et talpa.

A saramântiga, que se sustém nas suas mãos, e que mora no palácio dos reis.

*Prov. 30 – V. 28*

O musaranho, o camaleão, a saramântiga, a lagartixa e a toupeira.

*Levit. 11 – V. 30*

(8) *Nas margens do Cédron, a rã grasnando:* a torrente do Cédron, que passa entre Jerusalém e o monte Olivete, ao oriente da cidade, seca inteiramente no Estio, e no Inverno as suas águas são torvas e avermelhadas. Daí o seu nome, que soa como – *Torrente da Tristeza*. Alguém lhe chamou *Torrente dos Cedros*, tomando a palavra hebraica *Kedron* pelo plural grego *Kedron*.

(9) *O vate de Anatoth:*

Jeremias era natural de Anatoth, cidade sacerdotal na tribo de Benjamim. er *Jeremiae filii Helciae, de sacerdotibus qui fuerunt in Anatoth, in terra Benjamim.*

Palavras de Jeremias, filho de Helcias, um dos sacerdotes que viviam em Anatoth, na terra de Benjamim.

*Jerem. I – V. 1*

(10) *Entre o povo infiel, de Eloha em nome: Eloha, ou Elah,* nome de Deus em hebraico, ou antes caldaico, e palavra assaz comum na Bíblia. O autor do Génesis usa do plural *Elohim*, ou *Elahim*, para significar ora o Deus uno, ora os deuses dos pagãos. Consulte-se Volney, *Recherches sur l'Histoire Ancienne*, cap. XVII.

(11) *Inspirara Moisés:* alusão ao cântico depois da passagem do mar Roxo.

(12) LAMENTAÇÃO:

Quomodo sedet sola civitas plena populo! Facta est quasi vidua Domina Gentium: princeps provinciarum facta est sub tributo.

Plorans ploravit in nocte, et lachrymae ejus in maxillis ejus: non est qui

consoletur eam ex omnibus caris ejus: omnes amici ejus spreverunt eam, et facti sunt ei inimici.

Viae Sion lugent, eo quod non sint, qui veniant ad solemnitatem: omnes portae ejus destructae: sacerdotes ejus gementes: virgines ejus squallidae, et ipsa oppressa amaritudine.

Como assim, solitária, está assentada uma cidade, cheia de povo; chegou a ser uma como viúva a senhora das gentes; a princesa das províncias ficou sujeita ao tributo.

Chorou, sem cessar, durante a noite, e as suas lágrimas correm pelas suas faces: não há quem a console, entre todos os seus amados; todos os seus amigos a desprezaram e se lhe tomaram inimigos.

As ruas de Sião choram, porque não há quem venha às solenidades; todas as suas portas se acham destruídas; os seus sacerdotes gemendo; as suas virgens esquálidas, e ela, oprimida de amargura.

*Threni C. I – V. 1-2-4*

Omnis populus ejus gemens, et quaerens panem: dederunt pretiosa quaeque pro cibo ad refocilandum animam.

Todo o seu povo está gemendo e mendigando pão; eles deram tudo o que tinham de precioso a troco de alimento, para sustentar a vida.

*Threni C. I – V. 11*

Aegypto dedimus manum, et Assyriis ut saturaremur pane.

Jacuerunt in terra foris puer, et senex.

Ao Egipto demos a mão, e aos Assírios, para sermos fartos de pão.

Ficaram nas ruas, estendidos por terra, o moço e o velho.

*Threni C. 2 – V. 21*

Manus mulierum misericordium coxerunt filios suos: facti sunt cibus carum in

contritione filiae populi mei.

As mãos das mulheres compassivas cozeram os seus filhos, serviram-lhes de mantimento na ruína da filha do meu povo.

*Threni C. 4 – V. 10*

Recordare Domine quid acciderit nobis: intuere et respice opprobrium nostrum.

Hereditas nostra versa est ad alienos; domus nostrae ad extraneos.

Servi dominati sunt nostri: non fuit qui redimeret de manu eorum.

Quare in perpetuum oblivisceris nostri? derelinques nos in longitudine dierum?

Lembra-te, Senhor, do que nos tem acontecido; considera e olha para o nosso opróbio.

A nossa herança passou a forasteiros, as nossas casas a estranhos.

Os servos nos dominaram; não houve quem nos resgatasse da mão deles.

Por que razão te esquecerás tu de nós para sempre? Nos desampararás tu pela longura de dias?

*Oratio Jerem. C. 5 – V. 1-2-8-20*

(13) *Bem como aquela que aterrou um ímpio:*

Balthasar rex fuit grande convivium optimatibus suis milli: et unusquisque secundum suam bibebat aetatem. Praecepit ergo jam temulentus ut afferrentur vasa aurea et argentea, quae asportaverat Nabuchodonosor pater ejus de templo, quod fuit in Jerusalem, ut biberent in eis rex et optimates ejus, uxoresque ejus, et concubinae. Tunc allata sunt vasa aurea et argentea, quae asportaverat de templo, quod fuerat in Jerusalem: et biberunt in eis rex, et optimates ejus, uxores et concubinae illius. Bibebant vinum et laudabant deos suos aureos, et argenteos, aereos, terreos, ligneosque et lapideos. In eadem hora aparuerunt digiti, quasi manus hominis scribentis contra candelabrum in superficie parietis aulae regiae: et rex aspiciebat articulos manus scribentis. Tunc facies commutata est, et cogitationes ejus conturbabant eum; et compages renum ejus solvebantur; et genua ejus ad se invicem collidebantur. Haec est autem scriptura, quae digesta est: *Mane, Thecel, Phares*. Et haec est interpretatio sermonis: *Mane*: numcravit Deus regnum tuum et complevit illud. *Thecel*: appensus es in statera, et inventus es minus habens. *Phares*: divisum est

regnum tuum, et datum est Medis, et Persis.

O rei Baltasar deu um grande banquete a mais de mil grandes da sua corte, e cada um bebia nele conforme d sua idade.

Estando, pois, já bem cheio de vinho, mandou que lhe trouxessem os vasos de ouro e de prata que Nabucodonosor, seu pai, tinha transportado do templo de Jerusalém, para beberem por eles o rei e os grandes da sua corte, e as mulheres dele e concubinas.

No mesmo ponto, foram trazidos os vasos de ouro e de prata que tinha transportado do templo de Jerusalém, e por eles beberam o rei e os grandes da sua corte, as mulheres dele e concubinas.

Eles bebiam o vinho, e louvavam os seus deuses de ouro e de prata, de metal, de ferro, de pau e de pedra.

Na mesma hora, apareceram uns dedos, como de mão de homem, que escrevia defronte do candeeiro, na superfície da parede da sala do rei; e o rei via os movimentos das juntas dos dedos da mão que escrevia.

Então o semblante do rei se mudou, e os seus pensamentos o perturbavam; e as juntas dos seus rins se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro.

Esta é pois a escritura que ali está disposta: *Mané, Técel, Fares*.

E esta é a interpretação das palavras:

*Mané*: Deus contou os dias do teu reinado, e lhes pôs termo.

*Técel*: tu foste pesado na balança, e achou-se que tinhas menos de peso.

*Fares*: o teu reino se dividiu, e foi dado aos Medos e aos Persas.

*Danielis Proph. C. 5 – V. 1 a 6 e 25 a 28*

(14) *Hoje, campo de lágrimas, só cria / Humilde musgo de escalvados cerros*: vários passos, cem vezes citados, de Tácito e de outros escritores gravíssimos da antiguidade nos provam que a Judeia foi um país feracíssimo. Os viajantes modernos no-la descrevem como uma região árida e inculta. O despotismo, que há séculos tem oprimido a Síria, e a rapacidade dos Árabes são em grande parte causa da aniquilação da agricultura na Palestina; porém, a sua esterilidade não se pode atribuir, por certo, a uma causa política. Os sectários do Crucificado não podem deixar de ver neste fenómeno os efeitos da maldição de Deus sobre a Tema que bebeu o sangue do Filho do Homem.

(15) *Ide vós a Mambré*: o vale de Mambré estava situado junto de Kariath-Arbé (Hébron), na tribo de Judá, e ao Meio-Dia de Jerusalém. O carvalho, ou terebinto de Abraão, que, segundo o testemunho de S. Jerónimo, ainda existia no tempo de Constantino, o tomava notável. Acerca desta árvore célebre existem muitas tradições entre os Judeus; e até para os cristãos dos primeiros séculos era o vale de Mambré um lugar de devoção e romagem. Sozomeno nos descreve o vale de Terebinto como um sítio de festivas reuniões, e foi a sua narração quem suscitou este pedaço de poema.

(16) *...na primavera, / Vinham os moços adornar-lhe o tronco*: aqui (em



Mambré) há um lugar que hoje chamam Terebinto, distante de Cébron que lhe fica ao Meio-Dia, quinze estádios, e de Jerusalém quase duzentos e cinquenta. Os habitantes deste sítio, no tempo do Estio, fazem uma feira, a que concorrem os vizinhos do vale, e ainda povos mais remotos, como os Palestinos, os Árabes e os Fenícios, Sozomeno, História Eclesiástica.

(17) *No Gólgota plantada, a Cruz clamara*: o monte Gólgota, ou Calvário foi o lugar onde crucificaram J. C. Esta palavra significa: *lugar onde repousam os crânios dos mortos*.

(18) *No Moriá surgiu*: o monte Moriá, onde estava o templo de Salomão, levantava-se no meio de Jerusalém, e ficava-lhe ao norte o monte Sião. Diz-se que neste lugar estivera Abraão para sacrificar seu filho. (Calmet, *Diction.*).

## A VOZ

É tão suave ess'hora,  
Em que nos foge o dia,  
E em que suscita a Lua  
Das ondas a ardentia,

Se em alcantis marinhos,  
Nas rochas assentado,  
O trovador medita  
Em sonhos enteadado!

O mar azul se encrespa  
Coa vespertina brisa,  
E no casal da serra  
A luz já se divisa.

E tudo em roda cala  
Na praia sinuosa,  
Salvo o som do remanso  
Quebrando em furna algosa.

Ali folga o poeta  
Nos desvarios seus,  
E nessa paz que o cerca  
Bendiz a mão de Deus.

Mas despregou seu grito  
A alcione gemente,  
E nuvem pequenina  
Ergueu-se no ocidente:

E sobe, e cresce, e imensa  
Nos céus negra flutua,  
E o vento das procelas  
Já varre a fraga nua.

Turba-se o vasto oceano.  
Com hórrido clamor;  
Dos vagalhões nas ribas  
Expira o vão furor

E do poeta a fronte  
Cobriu véu de tristeza;  
Calou, à luz do raio,

Seu hino à natureza.

Pela alma lhe vagava  
Um negro pensamento,  
Da alcione ao gemido,  
Ao sibilar do vento.

Era blasfema ideia,  
Que triunfava enfim;  
Mas voz soou ignota,  
Que lhe dizia assim:

«Cantor, esse queixume  
Da nuncia das procelas,  
E as nuvens, que te roubam  
Miríades de estrelas,

E o frémito dos euros,  
E o estourar da vaga,  
Na praia, que revolve,  
Na rocha, onde se esmaga,

Onde espalhava a brisa  
Sussurro harmonioso,  
Enquanto do éter puro  
Descia o Sol radioso,

Tipo da vida do homem,  
É do universo a vida:  
Depois do afã repouso,  
Depois da paz a lida.

Se ergueste a Deus um hino  
Em dias de amargura;  
Se te amostraste grato  
Nos dias de ventura,

Seu nome não maldigas  
Quando se turba o mar:  
No Deus, que é pai, confia,  
Do raio ao cintilar.

Ele o mandou: a causa  
Disso o universo ignora,  
E mudo está. O nume,  
Como o universo, adora!»

Oh, sim, torva blasfêmia  
Não manchará seu canto!  
Brama a procela embora;  
Pese sobre ele o espanto;

Que de sua harpa os hinos  
Derramará contente  
Aos pés de Deus, qual óleo  
Do nardo recendente.

## A ARRÁBIDA

### I

Salve, ó vale do sul, saudoso e belo!  
Salve, ó pátria da paz, deserto santo,  
Onde não ruge a grande voz das turbas!  
Solo sagrado a Deus, pudesse ao mundo  
O poeta fugir, cingir-se ao ermo,  
Qual ao freixo robusto a frágil hera,  
E a romagem do túmulo cumprindo,  
Só conhecer, ao despertar na morte,  
Essa vida sem mal, sem dor, sem termo,  
Que íntima voz contínuo nos promete  
No trânsito chamado o viver do homem.

### II

Suspira o vento no álamo frondoso;  
As aves soltam matutino canto;  
Late o lebréu na encosta, e o mar sussurra  
Dos alcantis na base carcomida:  
Eis o ruído de ermo! Ao longe o negro,  
Insondado oceano, e o céu cerúleo  
Se abraçam no horizonte. Imensa imagem  
Da eternidade e do infinito, salve!

### III

Oh, como surge majestosa e bela,  
Com viço da criação, a natureza  
No solitário vale! E o leve insecto  
E a relva e os matos e a fragrância pura  
Das boninas da encosta estão contando  
Mil saudades de Deus, que os há lançado,  
Com mão profusa, no regaço ameno  
Da solidão, onde se esconde o justo.

E lá campeiam no alto das montanhas  
Os escalvados píncaros, severos,  
Quais guardadores de um lugar que é santo;  
Atalaias que ao longe o mundo observam,  
Cerrando até o mar o último abrigo  
Da crença viva, da oração piedosa,  
Que se ergue a Deus de lábios inocentes.

Sobre esta cena o sol verte em torrentes  
Da manhã o fulgor; a brisa esvai-se  
Pelos rosmaninhais, e inclina os topos  
Do zimbro e alecrineiro, ao rés sentados  
Desses troncos de fragas sobrepostas,  
Que alpestres matas de medronhos vestem;  
O rocío da noite à branca rosa  
No seio derramou frescor suave,  
E inda existência lhe dará um dia.

Formoso ermo do sul, outra vez, salve!

#### IV

Negro, estéril rochedo, que contrastas,  
Na mudez tua, o plácido sussurro  
Das árvores do vale, que vicejam  
Ricas d'encantos, coa estação propícia;  
Suavíssimo aroma, que, manando  
Das variegadas flores, derramadas  
Na sinuosa encosta da montanha,  
Do altar da solidão subindo aos ores,  
És digno incenso ao Criador erguido;  
Livres aves, filhas da espessura,  
Que só teceis da natureza as hinos,  
O que crê, o cantor, que foi lançado,  
Estranho no mundo, no bulício dele,  
Vem saudar-vos, sentir um gozo puro,  
Dus homens esquecer paixões e opróbio,  
E ver, sem ver-lhe a luz prestar a crimes,  
O Sol, e uma só vez puro saudar-lha.

Convosco eu sou maior; mais longe a mente  
dos céus se imerge livre,  
E se desprende de mortais memórias  
Na solidão solene, onde, incessante,  
Em cada pedra, em cada flor se escuta  
Do Sempiterno a voz, e vê-se impressa  
A dextra sua em multiforme quadro.

#### V

Escalvado penedo, que repousas  
Lá no cimo do monte, ameaçando  
Ruína ao roble secular da encosta,  
Que sonolento move a coma estiva  
Ante a aragem do mar, foste formoso;

Já te cobriram cespedes virentes;  
Mus o tempo voou, e nele envolta  
A formosura tua. Despedidos  
Das negras nuvens o chuvaeiro espesso  
E o granizo, que o solo fustigando  
Tritura a tenra lanceolada relva,  
Durante largos séculos, no Inverno,  
Dos vendavais no dorso a ti desceram.  
Qual amplexo brutal de ardos grosseiro,  
Que, maculando virginal pureza.  
Do pudor varre a auréola celeste,  
E deixa, em vez de um serafim m Terra,  
Queimada flor que devorou o raio.

## VI

Caveira da montanha, ossada imensa,  
É tua campa o Céu: sepulcro o vale  
Um dia te será. Quando sentires  
Rugir com som medonho a Terra ao longe,  
Na expansão dos vulcões, e o mar, bramindo,  
Lançar à praia vagalhões cruzados;  
Tremor-te a larga base, e sacudir-te  
De sobre si, o fundo deste vale  
Te vai servir de túmulo; e os carvalhos  
Do mundo primogénitos, e os sobros,  
Arrastados por ti lá da colina,  
Contigo hão-de jazer. De novo a terra  
Te cobrirá o dorso sinuoso:  
Outra vez sobre ti nascendo os lírios,  
Do seu puro candor hão-de adornar-te;  
E tu, ora medonho e nu e triste,  
Ainda belo serás, vestido e alegre.

## VII

Mais que o homem feliz! Quando eu no vale  
Dos túmulos cair; quando uma pedra  
Os ossos me esconder, se me for dada,  
Não mais reviverei; não mais meus olhos  
Verão, ao pôr-se, o Sol em dia estivo,  
Se em turbilhões de púrpura, que ondeiam  
Pelo extremo dos céus sobre o ocidente.  
Vai provar que um Deus há o estranhos povos  
E além das ondas trémulo sumir-se;  
Nem, quando, lá do cimo das montanhas,  
Com torrentes de luz inunda as veigas:

Não mais verei o refulgir da Lua  
No irrequieto mar, na paz da noite,  
Por horas em que vela o criminoso,  
A quem íntima voz rouba o sossego.  
E em que o justo descansa, ou, solitário,  
Ergue ao Senhor um hino harmonioso.

### VIII

Ontem, sentado num penhasco, e perto  
Dos águas, então quedas, do oceano,  
Eu também o louvei sem ser um justo:  
E meditei, e a mente extasiada  
Deixei correr pela amplidão das ondas.

Como abraço materno era suave  
A aragem fresca do cair das trevas.  
Enquanto, envolta em glória, a clara Lua  
Sumia em seu fulgor milhões d'estrelas.

Tudo calado estava: o mar somente  
As harmonias da criação soltava,  
Em seu rugido; e o ulmeiro do deserto  
Se agitava, gemendo e murmurando.  
Ante o sopro de oeste: ali dos olhos  
O pranto me correu, sem que o sentisse.  
E aos pés de Deus se derramou minha alma.

### IX

Oh, que viesse o que não crê, comigo,  
À vicejante Arrábida de noite,  
E se assentasse aqui sobre estas fragas,  
Escutando o sussurro incerto e triste  
Das movediças ramas, que povoa  
De saudade e de amor nocturna brisa;  
Que visse a lua, o espaço opresso de astros,  
E ouvisse o mar soando: – ele chorara,  
Qual eu chorei, as lágrimas do gozo,  
E, adorando o Senhor, detestaria  
De uma ciência vã seu vão orgulho.

### X

É aqui neste vale, ao qual não chega  
Humana voz e o tumultuar das turbas,  
Onde o nada da vida sonda livre



O coração, que busca ir abrigar-se  
No futuro, e debaixo do amplo manto  
Da piedade de Deus: aqui serena  
Vem a imagem da campa, como a imagem  
Da pátria ao desterrado; aqui, solene,  
Brada a montanha, memorando a morte.

Essas penhas, que, lá no alto das serras  
Nuas, crestadas, solitárias dormem,  
Parecem imitar da sepultura  
O aspecto melancólico e o repouso  
Tão desejado do que em Deus confia.  
Bem semelhante à paz, que se há sentado  
Por séculos, ali, nas cordilheiras  
É o silêncio do adro, onde reúnem  
Os ciprestes e a Cruz, o Céu e a Terra.

Como tu vens cercado de esperança,  
Para o inocente, ó plácido sepulcro!  
Junto das tuas bordas pavorosas  
O perverso recua horrorizado:  
Após si volve os olhos; na existência  
Deserto árido só descobre ao longe.  
Onde a virtude não deixou um trilho.

Mas o justo, chegando à meta extrema,  
Que separa de nós a eternidade,  
Transpõe-na sem temor, e em Deus exulta..  
O infeliz e o feliz lá dormem ambos,  
Tranquilamente: e o trovador mesquinho,  
Que peregrino vagueou na Terra,  
Sem encontrar um coração ardente  
Que o entendesse, a pátria de seus sonhos,  
Ignota, por lá busca; e quando as eras  
Vierem junto às cinzas colocar-lhe  
Tardios louros, que escondera a inveja,  
Ele não erguerá a mão mirrada,  
Para os cingir na regelada frente.  
Justiça, glória, amor, saudade, tudo,  
An pé da sepultura, é som perdido  
De harpa eólia esquecida em brenha ou selva:  
O despertar um pai, que saboreia  
Entre os braços da morte o extremo sono,  
Já não é dado ao filial suspiro;  
Em vão o amante, ali, da amada sua  
De rosas sobre a c'roa debruçado,  
Rega de amargo pranto as murchas flores

E a fria pedra: a pedra é sempre fria.  
E para sempre as flores se murcharam.

## XI

Belo ermo!, eu hei-de amar-te enquanto esta alma,  
Aspirando o futuro além da vida  
E um hálito dos Céus, gemer atada  
À coluna do exílio, a que se chama  
Em língua vil e mentirosa o mundo.  
Eu hei-de amar-te, ó vale, como um filho  
Dos sonhos meus. A imagem do deserto  
Guardá-la-ei no coração, bem junto  
Com minha fé, meu único tesouro.

Qual pomposo jardim de verme ilustre,  
Chamado rei ou nobre, há-de contigo  
Comparar-se, ó deserto? Aqui não cresce  
Em vaso de alabastro a flor cativa,  
Ou árvore educada por mão de homem,  
Que lhe diga: «És escrava», e erga um ferro  
E lhe decepe os troncos. Como é livre  
A vaga do oceano, é livre no ermo  
A bonina rasteira ou freixo altivo!  
Não lhes diz: «Nasce aqui, ou lá não cresças».  
Humana voz. Se baqueou o freixo,  
Deus o mandou: se a flor pendida murcha,  
É que o rocio não desceu de noite,  
E da vida o Senhor lhe nega a vida.

Céu livre, Terra livre, e livre a mente,  
Paz íntima, e saudade, mas saudade  
Que não dói, que não mirra, e que consola,  
São as riquezas do ermo, onde sorriem  
Das procelas do mundo os que o deixaram.

## XII

Ali naquela encosta, ontem de noite,  
Alvejava por entre os medronheiros  
Do solitário a habitação tranquila:  
E eu vagueei por lá. Patente estava  
O pobre albergue do eremita humilde,  
Onde jazia o filho da esperança  
Sob as asas de Deus, à luz dos astros,  
Em leito, duro sim, não de remorsos.

Oh, com quanto sossego o bom do velho  
Dormia! A leve aragem lhe ondeava  
As raras cãs na fronte, onde se lia  
A bela história de passados anos.  
De alto choupo através passava um raio  
Da Lua – astro de paz, astro que chama  
Os olhos para o céu, e a Deus a mente –  
E em luz pálida as faces lhe banhava:  
E talvez neste raio o Pai celeste  
Da pátria eterna, lhe enviava a imagem,  
Que o sorriso dos lábios lhe fugia,  
Como se um sonho de ventura e glória  
Na Terra de antemão o consolasse.  
E eu comparei o solitário obscuro  
Ao inquieto filho das cidades:  
Comparei o deserto silencioso  
Ao perpétuo ruído que sussurra  
Pelos palácios do abastado e nobre,  
Pelos paços dos reis; e condoí-me  
Do cortesão soberbo, que só cura  
De honras, haveres, glória, que se compram  
Com maldições e perenal remorso.  
Glória! A sua qual é? Pelas campinas,  
Cobertas de cadáveres, regadas  
De negro sangue, ele segou seus louros;  
Louros que vão cingir-lhe a fronte altiva  
Ao som do choro da viúva e do órfão;  
Ou, dos sustos senhor, em seu delírio,  
Os homens, seu irmãos, flagela e oprime.  
Lá o filho do pó se julga um nume,  
Porque a Terra o adorou; o desgraçado  
Pensa, talvez, que o verme dos sepulcros  
Nunca se há-de chegar para tragá-lo  
Ao banquete da morte, imaginando  
Que uma lájea de mármore, que esconde  
O cadáver do grande, é mais durável  
Do que esse chão sem inscrição, sem nome.  
Por onde o oprimido, o mísero, procura  
O repouso, e se atira aos pés do trono  
Do Omnipotente, a demandar justiça  
Contra os fortes do mundo, os seus tiranos.

### XIII

Ó cidade, cidade, que transbordas  
De vícios, de paixões e de amarguras!  
Tu lá estás, na tua pompa envolta,

Soberba prostituta, alardeando  
Os teatros, e os paços, e o ruído  
Das carroças dos nobres recamadas  
De ouro e prata, e os prazeres de uma vida  
Tempestuosa, e o tropear contínuo  
Dos férvidos ginetes, que alevantam  
O pó e o lodo cortesão das praças;  
E as gerações corruptas de teus filhos  
Lá se revolvem, qual montão de vermes  
Sobre um cadáver pútrido! Cidade,  
Branqueado sepulcro, que misturas  
A opulência, a miséria, a dor e o gozo,  
Honra e infâmia, pudor e impudícia  
Céu e inferno, que és tu? Escárnio ou glória  
Da humanidade? O que o souber que o diga!

Bem negra avulta aqui, na paz do vale,  
A imagem desse povo, que reflui  
Das moradas à rua, à praça, ao templo;  
Que ri, e chora, folga, e geme, e morre,  
Que adora Deus, e que o pragueja, e o teme;  
Absurdo misto de baixeza extrema  
E de extrema ousadia; vulto enorme,  
Ora aos pés de um vil déspota estendido,  
Ora surgindo, e arremessando ao nada  
As memórias dos séculos que foram,  
E depois sobre o nada adormecendo.

Vê-lo, rico de opróbrio, ir assentar-se  
Em joelhos nos átrios dos tiranos.  
Onde, entre o lampejar de armas de servos,  
O servo popular adora um tigre ?  
Esse tigre é o ídolo do povo!  
Saudai-o; que ele o manda: abençoai-lhe  
O férreo ceptro: ide folgar em roda  
De cadafalsos, povoados sempre  
De vítimas ilustres, cujo arranco  
Seja como harmonia, que adormeça  
Em seus terrores o senhor das turbas.  
Passai depois. Se a mão da Providência  
Esmigalhou a frente à tirania;  
Se o déspota caiu, e está deitado  
No lodaçal da sua infâmia, a turba  
Lá vai buscar o ceptro dos terrores,  
E diz: «É meu»; e assenta-se na praça,  
E envolta em roto manto. e julga, e reina.  
Se um ímpio, então, na afogueada boca

De vulcão popular sacode um facho,  
Eis o incêndio que muge, e a lava sobe,  
E referve, e trasborda, e se derrama  
Pelas ruas além: clamor retumba  
De anarquia impudente, e o brilho de armas  
Pelo escuro transluz, como um presságio  
De assolação, e se amontoam vagas  
Desse mar d'abjecção, chamado o vulgo;  
Desse vulgo, que ao som de infernais hinos  
Cava fundo da Pátria a sepultura,  
Onde, abraçando a glória do passado  
E do futuro a última esperança,  
As esmaga consigo, e ri morrendo.

Tal és, cidade, licenciosa ou serva!  
Outros louvem teus paços sumptuosos,  
Teu ouro, teu poder: sentina impura  
De corrupções, teus não serão meus hinos!

#### XIV

Cantor da solidão, vim assentar-me  
Junto do verde céspede do vale,  
E a paz de Deus do mundo me consola.

Avulta aqui, e alveja entre o arvoredado,  
Um pobre conventinho. Homem piedoso  
O alevantou há séculos, passando,  
Como orvalho do céu, por este sítio,  
De virtudes depois tão rico e fértil.

Como um pai de seus filhos rodeado,  
Pelos matos do outeiro o vão cercando  
Os tugúrios de humildes eremitas,  
Onde o cilício e a compunção apagam  
Da lembrança de Deus passados erros  
Do pecador, que reclinou a fronte  
Penitente no pó. O sacerdote  
Dos remorsos lhe ouviu as amarguras;  
E perdoou-lhe, e consolou-o em nome  
Do que expirando perdoava, o Justo,  
Que entre os humanos não achou piedade.

#### XV

Religião! do mísero conforto,  
Abrigo extremo de alma, que há mirrado

O longo agonizar de uma saudade.  
Da desonra, do exílio, ou da injustiça,  
Tu consolas aquele, que ouve o Verbo.  
Que renovou o corrompido mundo,  
E que mil povos pouco a pouco ouviram.  
Nobre, plebeu, dominador, ou servo,  
O rico, o pobre, o valoroso, o fraco,  
Da desgraça no dia ajoelharam  
No limiar do solitário templo.  
Ao pé desse portal, que veste o musgo,  
Encontrou-os chorando o sacerdote,  
Que da serra descia à meia-noite,  
Pelo sino das preces convocado:  
Aí os viu ao despontar do dia,  
Sob os raios do Sol, ainda chorando,  
Passados meses, o burel grosseiro,  
O leito de cortiça, e a fervorosa  
E contínua oração foram cerrando  
Nos corações dos míseros as chagas,  
Que o mundo sabe abrir, mas que não cura.  
Aqui, depois, qual hálito suave.  
Da Primavera, lhes correu a vida,  
Até sumir-se no adro do convento,  
Debaixo de uma lájea tosca e humilde,  
Sem nome, nem palavra, que recorde  
O que a terra abrigou no sono extremo.

Eremitério antigo, oh, se pudesses  
Dos anos que lá vão contar a história;  
Se ora, à voz do cantor, possível fosse  
Transudar desse chão, gelado e mudo,  
O mudo pranto, em noites dolorosas,  
Por naufragos do mundo derramado  
Sobre ele, e aos pés da Cruz!... Se vós pudésseis,  
Broncas pedras, falar, o que diríeis!

Quantos nomes mimosos da ventura,  
Convertidos em fábula das gentes.  
Despertariam o eco das montanhas,  
Se aos negros troncos do sobreiro antigo  
Mandasse o Eterno sussurrar a história  
Dos que vieram desnudar-lhe o cepo,  
Para um leito formar, onde velassem  
Da mágoa, ou do remorso, as longas noites!  
Aqui veio, talvez, buscar asilo  
Um poderoso, outrora anjo da Terra,  
Despenhado nas trevas do infortúnio;

Aqui gemeu, talvez, o amor traído,  
Ou pela morte convertido em cancro  
De infernal desespero; aqui soaram  
Do arrependido os últimos gemidos,  
Depois da vida derramada em gozos,  
Depois do gozo convertido em tédio.  
Mas quem foram? Nenhum, depondo em terra  
Vestidura mortal, deixou vestígios  
De seu breve passar. E isso que importa,  
Se Deus o viu; se as lágrimas do triste  
Ele contou, para as pagar com glória?

#### XVI

Ainda em curvo outeiro, ao fim da senda  
Que serpeia do monte ao fundo vale,  
Sobre o marco de pedra a cruz se eleva,  
Como um farol de vida em mar de escolhos:  
Ao cristão infeliz acolhe no ermo.  
E consolando-o, diz-lhe: «A pátria tua  
É lá no Céu: abraça-te comigo.»  
Junto dela esses homens, que passaram  
Acurvados na dor, as mãos ergueram  
Para o Deus, que perdoa, e que é conforto  
Dos que aos pés deste símbolo da esp'rança  
Vêm derramar seu coração aflito:  
É do deserto a história, a cruz e a campa;  
E sobre tudo o mais pousa o silêncio.

#### XVII

Feliz da Terra, os monges não maldigas;  
Do que em Deus confiou não escarneças:  
Folgando segue a trilha, que há juncado,  
Para teus pés, de flores a fortuna.  
E sobre a morta crença em paz descansa.  
Que mal te faz. Que gozo vai roubar-te  
O que ensanguenta os pés no tojo agreste,  
E sobre a fria pedra encosta a fronte?  
Que mal te faz uma oração erguida,  
Nas solidões, por voz sumida e frouxa,  
E que, subindo aos Céus, só Deus escuta?  
Oh, não insultes lágrimas alheias,  
E deixa a fé ao que não tem mais nada!...

E se estes versos te contristam, rasga-os.  
Teus menestréis te venderão seus hinos,

Nos banquetes opíparos, enquanto  
O negro pão repartirá comigo,  
Seu trovador, o pobre anacoreta,  
Que não te inveja as ditas, como as c'roas  
Do prazer ao cantor eu não invejo;  
Tristes coroas, sob as quais às vezes  
Está gravada uma inscrição d'infâmia.



## MOCIDADE E MORTE

Solevantado o corpo, os olhos fitos,  
As magras mãos cruzadas sobre o peito,  
Vede-o, tão moço, velador de angústias,  
Pela alta noite em solitário leito.

Por essas faces pálidas, cavadas,  
Olhai, em fio as lágrimas deslizam;  
E com o pulso, que apressado bate,  
Do coração os estos harmonizam.

È que nas veias lhe circula a febre:  
È que a fronte lhe alaga o suor frio;  
È que lá dentro à dor, que o vai roendo,  
Responde horrível íntimo cicio.

Encostando na mão o rosto aceso,  
Fitou os olhos húmidos de pranto  
Na lâmpada mortal ali pendente,  
E lá consigo modulou um canto.

È um hino de amor e de esperança?  
È oração de angústia e de saudade?  
Resignado na dor, saúda a morte,  
Ou vibra aos céus blasfémia d'impiedade?

È isso tudo, tumultuando incerto  
No delírio febril daquela mente,  
Que, balouçada à borda do sepulcro,  
Volve após si a vista longamente.

È a poesia a murmurar-lhe na alma  
Última nota de quebrada lira;  
È o gemido do tombar do cedro;  
È triste adeus do trovador que expira.

## DESESPERANÇA

Meia-noite bateu, volvendo ao nada  
Um dia mais, e caminhando eu sigo!  
Vejo-te bem, ó campa misteriosa...  
Eu vou, eu vou! Breve serei contigo!

Qual tufão, que ao passar agita o pego,  
Meu plácido existir turvou a sorte:

Hálito impuro de pulmões ralados  
Me diz que neles se assentou a morte:

Enquanto mil e mil no largo mundo  
Dormem em paz sorrindo, eu velo e penso,  
E julgo ouvir as preces por finados,  
E ver a tumba e o fumegar do incenso.

Se dormito um momento, acordo em sustos;  
Pulos me dá o coração no peito,  
E abraço e beijo de uma vida extinta  
O último sócio, o doloroso leito.

De um abismo insondado às agras bordas  
Insanável doença me há guiado,  
E disse-me: «No fundo o esquecimento:  
Desce; mas desce com andar pausado.»

E eu lento vou descendo, e sondo as trevas:  
Busco parar; parar um só instante!  
Mas a cruel, travando-me da dextra,  
Me faz cair mais fundo, e grita: «Avante!»

Porque escutar o trânsito das horas?  
Alguma delas trar-me-á conforto?  
Não! Esses golpes, que no bronze ferem,  
São pura mim como dobrar por morto.

«Morto!, morto!» me clama a consciência:  
Diz-mo este respirar rouco e profundo.  
Ai!, porque fremes, coração de fogo,  
Dentro de um seio corrompido e imundo?

Beber um ar diáfano e suave,  
Que renovou da tarde o brando vento,  
E convertê-lo, no aspirar contínuo,  
Em bafo apodrecido e peçonhento!

Estender para o amigo a mão mirrada,  
E ele negar a mão ao pobre amigo;  
Querer uni-lo ao seio descarnado,  
E ele fugir, temendo o seu perigo!

E ver após um dia ainda cem dias,  
Nus d'esperança, férteis de amargura;  
Socorrer-me ao porvir, e achá-lo um ermo,  
E só, bem lá no extremo, a sepultura!

Agora!... quando a vida me sorria:  
Agora!... que meu estro se acendera;  
Que eu me enlaçava a um mundo d'esperanças,  
Como se enlaça pelo choupo a hera,

Deixar tudo, e partir, sozinho e mudo;  
Varrer-me o nome escuro esquecimento:  
Não ter um eco de louvor, que afague  
Do desgraçado o humilde monumento!

Ó tu, sede de um nome glorioso,  
Que tão fagueiros sonhos me tecias,  
Fugiste, e só me resta a pobre herança  
De ver a luz do Sol mais alguns dias.

Vestem-se os campos do verdor primeiro:  
Já das aves canções no bosque ecoam:  
Não para mim, que só escuto atento  
Funéreos dobres que no templo soam!

Eu que existo, e que penso, e falo, e vivo,  
Irei tão cedo repousar na terra?!  
Oh, meu Deus, oh, meu Deus!, um ano ao menos;  
Um louro só... e meu sepulcro cerra!

E tão bom respirar, e a luz brilhante  
Do sol oriental saudar no outeiro!  
Ai, na manhã saudá-la posso ainda;  
Mas será este Inverno o derradeiro!

Quando de pomos o vergel for cheio;  
Quando ondear o trigo na planura;  
Quando pender com áureo fruto a vide,  
Eu também penderei na sepultura.

Dos que me cercam no turbado aspecto,  
Na voz que prende desusado enleio,  
No pranto a furto, no fingido riso  
Fatal sentença de morrer eu leio.

Vistes vós criminoso, que hão lançado  
Seus juízes nos trances da agonia,  
Em oratório estreito, onde não entra  
Suavíssima luz do claro dia;

Diante a cruz, ao lado o sacerdote,

O cadafalso, o crime, o algoz na mente,  
O povo tumultuando, o extremo arranco,  
E Céu, e Inferno, e as maldições da gente?

Se adormece, lá surge um pesadelo,  
Com os martírios da sua alma acorde;  
Desperta logo, e à terra se arremessa,  
E os punhos cerra, e delirante os morde.

Sobre as lájeas do duro pavimento  
De vergões e de sangue o rosto cobre.  
Ergue-se e escuta com cabelos hirtos  
Do sino ao longe o compassado dobre.

Sem esperança!...

Não! Do cadafalso

Sobe as escudas o perdão às vezes;  
Porém a mim... não me dirão: «És salvo!»  
E o meu suplício durará por meses.

Dizer posso: «Existi: que a dor conheço!»  
Do gozo a taça só provei por horas:  
E serei teu, calado cemitério,  
Que engenho, glória, amor, tudo devoras.

Se o furacão rugiu, e o débil tronco  
De árvore tenra espedaçou passando,  
Quem se doeu de a ver jazendo em terra?  
Tal é o meu destino miserando!

Númen de santo amor, mulher querida,  
Anjo do Céu, encanto da existência.  
Ora por mim a Deus, que há-de escutar-te.  
Por ri me salve a mão da Providência.

Vem: aperta-me a dextra... Oh, fuge, fuge!  
Um beijo ardente aos lábios teus voara:  
E neste beijo venenoso a morte  
Talvez este infeliz só te entregara!

Se eu pudesse viver... como teus dias  
Cercaria de amor suave e puro!  
Como te fora plácido o presente;  
Quanto risonho o aspecto do futuro!

Porém, medonho espectro ante meus olhos,  
Como sombra infernal perpétuo ondeia,

Bradando-me que vai partir-se o fio  
Com que da minha vida se urde a teia.

Entregue à sedução enquanto eu durmo,  
No turbilhão do mundo hei-de deixar-te!  
Quem velará por ti, pomba inocente?  
Quem do perjúrio poderá salvar-te?

Quando eu cerrar os olhos moribundos  
Tu verterás por mim pranto saudoso;  
Mas quem me diz que não virá o riso  
Banhar teu rosto triste e lacrimoso?

Ai, o extinto só herda o esquecimento!  
Um novo amor te agitará o peito:  
E a dura lájea cobrirá meus ossos  
Frios, despídos sobre térreo leito!...

Ó Deus, porque este cálix de agonia  
Até as bordas de amargor me encheste?  
Se eu devia acabar na juventude,  
Porque ao mundo e a seus sonhos me prendeste?

Virgem do meu amor, porque perdê-la?  
Porque entre nós a campa há-de assentar-se?  
Tua suprema paz com gozo ou dores  
Do mortal, que em ti crê, pode turbar-se?

Não haver quem me salve! e vir um dia  
Em que de minha o nome ainda lhe desse!  
Então, Senhor, o umbral da eternidade,  
Talvez sem um queixume, transpusesse.

Mas, qual flor em botão pendida e murcha,  
Sem de fragrâncias perfumar a brisa,  
Eu poeta, eu amante, ir esconder-me  
Sob uma lousa desprezada e lisa!

Porquê? Qual foi meu crime, ó Deus terrível?  
Em te adorar que fui, senão insano?...  
O teu fatal poder hoje maldigo!  
O que te chama pai, mente: és tirano.

E se aos pés de teu trono os ais não chegam;  
Se os gemidos da terra os ares somem;  
Se a Providência é crença vã, mentida,  
Porque geraste a inteligência do homem?

Porque da virgem no sorrir puseste  
Santo presságio de suprema dita,  
E apontaste ao poeta a imensidade  
Na ânsia de glória que em sua alma habita?

A imensidade!... E que me importa herdá-la,  
Se na Terra passei sem ser sentido?  
Que vale eterno vaguear no espaço,  
Se nosso nome se afundou no olvido?

### O ANJO-DA-GUARDA

Ímpio, silêncio! A tua voz blasfema  
Da noite a paz perturba.  
Verme, que te rebelas  
Sob a mão do Senhor,  
Vês os milhões d'estrelas  
De nítido fulgor,  
Que, em ordenada turba,  
A Deus entoam incessantes hinos?  
Quantas vezes apaga  
Do livro da existência  
Um orbe a mão do Eterno!  
E o belo astro que expira  
Maldiz a Providência,  
Maldiz a mão que o esmaga?  
Acaso pára o cântico superno?  
Ou apenas suspira  
O moribundo,  
Que se chamava um mundo?  
Quem vai pôr uma campa sobre os restos  
Desse inerte planeta,  
Que o destrutor cometa  
Incinerou na rápida passagem?  
E tu, átomo obscuro,  
Que varre à tarde a aragem,  
Soltas do seio impuro  
Maldição insensata,  
Porque o teu Deus te evoca à eternidade?  
Que é o viver? O umbral, a que um momento  
O espírito, surgindo  
Das solidões do nada  
À voz do Criador, se encosta, e atento  
Contempla a luz e o céu; donde desata  
Seu voo à imensidade.

Geme acaso o passarinho  
De saudade,  
Quando as asas expande, e deixa o ninho  
A vez primeira, a mergulhar nos ares?  
Volve olhos lacrimosos  
Aos mares tormentosos  
O navegante, quando aproa às plagas  
Da pátria suspirada?  
Porque morres?! Pergunta à Providência  
Porque te fez nascer.  
Qual era o teu direito a ver o mundo;  
Teu jus à existência?  
Olha no Outono o ulmeiro  
Que o vendaval agita,  
E cujas ténues folhas  
Aos centos precipita.  
São a folha do ulmeiro o nome e a fama,  
E o amar dos humanos:  
Ao nada do que foi assim se atiram  
No vórtice dos anos.  
Que é a glória na Terra? Um eco frouxo,  
Que somem mil ruídos.  
E a voz da Terra o que é, na voz imensa  
Dos orbes reunidos?  
Amor!, amor terreno!... Ai, se pudesses  
Compreender a amargura,  
Com que te choro, ó alma transviada!  
Eu, que te amei do berço, e qual doçura  
Há no afecto que liga o anjo ao homem,  
Rindo despiras esse corpo enfermo,  
Paru te unir a mim, para aspirares  
O gozo celestial de amor sem termo!  
Alma triste, que mesquinha  
Te debruças sobre o Inferno,  
Ouve o anjo, pobrezinha;  
Vem ao gozo sempiterno.  
Resigna-te e espera, e os dias de prova  
Serão para o crente quais breves instantes.  
Tomar-te-ei nos braços no trance da morte,  
Fendendo o infinito coas asas radiantes.  
Depois, das alturas teu térreo vestido  
Sorrindo veremos na Terra guardar  
E ao hino de Hossana nos coros celestes  
A voz de um remido iremos juntar.

A GRAÇA

Que harmonia suave  
É esta, que na mente  
Eu sinto murmurar,  
Ora profunda e grave,  
Ora meiga e cadente,  
Ora que faz chorar?  
Porque da morte a sombra,  
Que para mim em tudo  
Negra se reproduz,  
Se aclara, e desassombra  
Seu gesto carrancudo,  
Banhada em branda luz?  
Porque no coração  
Não sinto pesar tanto  
O férreo pé da dor,  
E o hino da oração,  
Em vez de irado canto,  
Me pede íntimo ardor?

És tu, meu anjo, cuja voz divina  
Vem consolar a solidão do enfermo,  
E a contemplar com placidez o ensina  
De curta vida o derradeiro termo?

Oh, sim!, és tu, que na infantil idade,.  
Da aurora à frouxa luz,  
Me dizias: «Acorda, inocentinho,  
Faz o sinal da Cruz.»  
És tu, que eu via em sonhos, nesses anos  
De inda puro sonhar,  
Em nuvem d'ouro e púrpura descendo  
Coas roupas a alvejar.  
És tu, és tu!, que ao pôr do Sol, na veiga,  
Junto ao bosque fremente,  
Me contavas mistérios, harmonias  
Dos Céus, do mar dormente.  
És tu, és tu!, que, lá, nesta alma absorta  
Modulavas o canto,  
Que de noite, ao luar, sozinho erguia  
Ao Deus três vezes santo.  
És tu, que eu esqueci na idade ardente  
Das paixões juvenis,  
E que voltas a mim, sincero amigo,  
Quando sou infeliz.  
Sinta a tua voz de novo,  
Que me revoca a Deus:  
Inspira-me a esperança,



Que te seguiu dos Céus!...

## RESIGNAÇÃO

No teu seio, reclinado  
Dormirei, Senhor, um dia,  
Quando for na terra fria  
Meu repouso procurar;

Quando a lousa do sepulcro  
Sobre mim tiver caído,  
E este espírito afligido  
Vir a tua luz brilhar!

No teu seio, de pesares  
O existir não se entretece;  
Lá eterno o amor floresce;  
Lá floresce eterna paz:

Lá bramir junto ao poeta  
Não irão paixões e dores,  
Vãos desejos, vãos temores  
Do desterro em que ele jaz.

Hora extrema, eu te saúdo!  
Salve, ó trevas da jazida,  
Donde espera erguer-se à vida  
Meu espírito imortal!

Anjo bom, não me abandones  
Neste trance dilatado;  
Que contrito, resignado,  
Me acharás na hora fatal.

E depois... perdoa, ó anjo,  
Ao amor do moribundo,  
Que só deixa neste mundo  
Pouco pó, muito gemer.

Oh... depois... diz à mesquinha  
Um segredo de doçura:  
Que na pátria o amor se apura,  
Que o desterro viu nascer.

Que é o Céu a pátria nossa;  
Que é o mundo exílio breve;

Que o morrer é cousa leve;  
Que é *princípio*, não é *fim*:

Que duas almas que se amaram  
Vão lá ter nova existência,  
Confundidas numa essência,  
A de um novo querubim.

## DEUS

Nas horas de silêncio, à meia-noite,  
Eu louvarei o Eterno!  
Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,  
E os abismos do Inferno.  
Pela amplidão dos céus meus cantos soem,  
E a Lua resplendente  
Pare em seu giro, ao ressoar nest'harpa  
O hino do Omnipotente.

Antes de tempo haver, quando o infinito  
Media a eternidade,  
E só do vácuo as solidões enchia  
De Deus a imensidade,  
Ele existia, em sua essência envolto,  
E fora dele o nada:  
No seio do criador a vida do homem  
Estava ainda guardada;  
Ainda então do mundo os fundamentos  
Na mente se escondiam  
De Jeová, e os astros fulgurantes  
Nos céus não se volviam.

Eis o Tempo, o Universo, o Movimento  
Das mãos solta o Senhor.  
Surge n Sol, banha a Terra, desabrocha  
Nesta a primeira flor;  
Sobre o invisível eixo range o globo;  
O vento o bosque ondeia;  
Retumba ao longe o mar; da vida a força  
A natureza anseia!

Quem, dignamente, ó Deus, há-de louvar-Te,  
Ou cantar Teu poder?  
Quem dirá de Teu braço as maravilhas,  
Fonte de todo o ser,  
No dia da Criação; quando os tesouros  
Da neve amontoaste;  
Quando da Terra nos mais fundos vales  
As águas encerraste?!

E eu onde estava. quando o Eterno os mundos,  
Com dextra poderosa,  
Fez, por lei imutável, se livrassem  
Na mole ponderosa?  
Onde existia então ? No tipo imenso

Das gerações futuras;  
Na mente do meu Deus. Louvor a Ele  
Na Terra e nas alturas!  
Oh, quanto é grande o rei das tempestades,  
Do raio, e do trovão!  
Quão grande o Deus, que manda, em seco estio,  
Da tarde a viração!  
Por Sua providência nunca, embalde,  
Zumbiu mínimo insecto;  
Nem volveu o elefante, em campo estéril,  
Os olhos inquieto.  
Não deu Ele à avezinha o grão da espiga,  
Que ao ceifador esquece:  
Do norte ao urso o sol da Primavera,  
Que o reanima e aquece?  
Não deu Ele à gazela amplos desertos,  
Ao certo a amena selva,  
Ao flamingo os pauis, ao tigre o antro,  
No prado ao touro a relva?  
Não mandou Ele ao mundo, em luto e trevas,  
Consolação e luz?  
Acaso em vão algum desventurado  
Curvou-se aos pés da Cruz?  
A quem não ouve Deus? Somente ao ímpio  
No dia da aflição,  
Quando pesa sobre ele, por seus crimes.  
Do crime a punição.

Homem, ente imortal, que és tu perante  
A face do Senhor?  
És a junça do brejo, harpa quebrada  
Nas mãos do trovador!  
Olha o velho pinheiro, campeando  
Entre as neves alpinas:  
Quem irá derribar o rei dos bosques  
Do trono das colinas?  
Ninguém! Mas aí do abeto, se o seu dia  
Extremo Deus mandou!  
Lá correu o aquilão: fundas raízes  
Aos ares lhe assoprou.  
Soberbo, sem temor, saiu na margem  
Do caudaloso Nilo,  
O corpo monstruoso ao sol voltando,  
Medonho crocodilo.  
De seus dentes em roda o susto habita:  
Vê-se a morte assentada  
Dentro em sua garganta, se descerra

A boca afogueada:  
Qual duro arnês de intrépido guerreiro  
É seu dorso escamoso;  
Como os últimos ais de um moribundo  
Seu grito lamentoso:  
Fumo e fogo respira quando irado;  
Porém, se Deus mandou,  
Qual do norte impelida a nuvem passa,  
Assim ele passou!

Teu nome ousei cantar! Perdoa, ó Nume;  
Perdoa ao teu cantor!  
Dignos de ti não são meus frouxos hinos,  
Mas são hinos de amor.  
Embora vis hipócritas te pintem  
Qual bárbaro tirano:  
Mentem, por dominar com férreo ceptro  
O vulgo cego e insano.  
Quem os crê é um ímpio! Recear-te  
É maldizer-te, ó Deus;  
É o trono dos déspotas da Terra  
Ir colocar nos Céus.  
Eu, por mim, passarei entre os abrolhos  
Dos males da existência  
Tranquilo, e sem temor, à sombra posto  
Da Tua Providência.

## A TEMPESTADE

Sibila o vento: os torreões de nuvens  
Pesam nos densos ares:  
Ruge ao largo a procela, e encurva as ondas  
Pela extensão dos mares:  
A imensa vaga ao longe vem correndo  
Em seu terror envolta;  
E, dentre as sombras, rápidas centelhas  
A tempestade solta.  
Do sol no ocaso um raio derradeiro,  
Que, apenas fulge, morre,  
Escapa à nuvem, que, apressada e espessa,  
Para apagá-lo corre.  
Tal nos afaga em sonhos a esperança,  
Ao despontar do dia,  
Mas, no acordar, lá vem a consciência  
Dizer que ela mentia!

As ondas negro-azuis se conglobaram;  
Serras tornadas são,  
Contra as quais outras serras, que se arqueiam,  
Bater, partir-se vão.  
Ó tempestade! Eu te saúdo, ó nume  
Da natureza açoite!  
Tu guias os bulhões, do mar princesa,  
E é teu vestido a noite!  
Quando pelos pinhais, entre o granizo,  
Ao sussurrar das ramas,  
Vibrando sustos, pavorosa ruges  
E assolação derramas,  
Quem porfiar contigo, então, ousara  
De glória e poderio;  
Tu que fazes gemer pendido o cedro,  
Turbar-se o claro rio?

Quem me dera ser tu, por balouçar-me  
Das nuvens nos castelos,  
E ver dos ferros meus, enfim, quebrados  
Os rebatidos elos.  
Eu rodeara, então o globo inteiro;  
Eu sublevara as águas;  
Eu dos vulcões com raios acendera  
Amortecidas fráguas;  
Do robusto carvalho e sobro antigo  
Acurvaria as frentes;

Com furacões, os areais da Líbia  
    Converteria em montes;  
Pelo fulgor da Lua, lá do norte  
    No pólo me assentara,  
E vira prolongar-se o gelo eterno,  
    Que o tempo amontoara.  
Ali, eu solitário, eu rei da morte,  
    Erguera meu clamor,  
E dissera: «Sou livre, e tenho império;  
    Aqui, sou eu senhor!»

Quem se pudera erguer, como estas vagas,  
    Em turbilhões incertos,  
E correr, e correr, troando ao longe,  
    Nos líquidos desertos!  
Mas entre membros de lodoso barro  
    A mente presa está!...  
Ergue-se em vão aos céus: precipitada,  
    Rápido, em baixo dá.

Ó morte, amiga morte! é sobre as vagas,  
    Entre escarcéus erguidos,  
Que eu te invoco, pedindo-te feneçam  
    Meus dias aborridos:  
Quebra duras prisões, que a natureza  
    Lançou a esta alma ardente;  
Que ela possa voar, por entre os orbes,  
    Aos pés do Omnipotente.  
Sobre a nau, que me estreita, a prenhe nuvem  
    Desça, e estourando a esmague,  
E a grossa proa, dos tufões ludíbrio,  
    Solta, sem rumo vague!

Porém, não!... Dormir deixa os que me cercam  
    O sono do existir;  
Deixa-os, vãos sonhadores de esperanças  
    Nas trevas do porvir.  
Doce mãe do repouso, extremo abrigo  
    De um coração opresso,  
Que ao ligeiro prazer, à dor cansada  
    Negas no seio acesso,  
Não despertes, oh não! os que abominam  
    Teu amoroso aspeito;  
Febricitantes, que se abraçam, loucos,  
    Com seu dorido leito!  
Tu, que ao mísero ris com rir tão meigo,  
    Caluniada morte;

Tu, que entre os braços teus lhe dás asilo  
Contra o furor da sorte;  
Tu, que esperas às portas dos senhores,  
Do servo ao limiar,  
E eterna corres, peregrina, a terra  
E as solidões do mar,  
Deixa, deixa sonhar ventura os homens;  
Já filhos teus nasceram:  
Um dia acordarão desses delírios,  
Que tão gratos lhes eram.  
E eu que velo na vida, e já não sonho  
Nem glória nem ventura;  
Eu, que esgotei tão cedo, até às fezes,  
O cálix da amargura:  
Eu, vagabundo e pobre, e aos pés calcado  
De quanto há vil no mundo,  
Santas inspirações morrer sentindo  
Do coração no fundo,  
Sem achar no desterro uma harmonia  
De alma, que a minha entenda,  
Porque seguir, curvado ante a desgraça,  
Esta espinhosa senda?  
Torvo o oceano vai! Qual dobre, soa  
Fragor da tempestade,  
Salmo de mortos, que retumba ao longe,  
Grito da eternidade!...

Pensamento infernal! Fugir covarde  
Ante o destino iroso?  
Lançar-me, envolto em maldições celestes,  
No abismo tormentoso?  
Nunca! Deus pôs-se aqui para apurar-me  
Nas lágrimas da terra;  
Guardarei minha estância atribulada,  
Com meu desejo em guerra.  
O fiel guardador terá seu prémio,  
O seu repouso, enfim,  
E atalaiar o sol de um dia extremo  
Virá outro após mim.  
Herdarei o morrer! Como é suave  
Bênção de pai querido.  
Será o despertar, ver meu cadáver,  
Ver o grilhão partido.

Um consolo, entretanto, resta ainda  
Ao pobre velador:  
Deus lhe deixou, nas trevas da existência,



Doce amizade e amor.  
Tudo o mais é sepulcro branqueado  
Por embusteira mão;  
Tudo o mais vãos prazeres que só trazem  
Remorso ao coração.  
Passarei minha noite a luz tão meiga,  
Até o amanhecer;  
Até que suba à pátria do repouso,  
Onde não há morrer.

## O SOLDADO

I

Veia tranquila e pura  
De meu paterno rio,  
Dos campos, que ele rega,  
Mansíssimo armentio.

Rocio matutino,  
Prados tão deleitosos,  
Vales, que assombravam selvas  
De sinceirais frondosos,

Terra da minha infância,  
Tecto de meus maiores,  
Meu breve jardimzinho,  
Minhas pendidas flores,

Harmonioso e santo  
Sino do presbitério,  
Cruzeiro venerando  
Do humilde cemitério,

Onde os avós dormiram,  
E dormirão os pais;  
Onde eu talvez não durma,  
Nem reze, talvez, mais,

Eu vos saúdo!, e o longo  
Suspiro amargurado  
Vos mando. E quanto pode  
Mandar pobre soldado.

Sobre as cavadas ondas  
Dos mares procelosos,  
Por vós já fiz soar  
Meus cantos dolorosos.

Na proa ressonante  
Eu me assentava mudo,  
E aspirava ansioso  
O vento frio e agudo;

Porque em meu sangue ardia  
A febre da saudade,

Febre que só minora  
Sopro de tempestade;

Mas que se irrita, e dura  
Quando é tranquilo o mar;  
Quando da pátria o céu  
Céu puro vem lembrar;

Quando, no extremo ocaso,  
A nuvem vaporosa,  
À frouxa luz da tarde,  
Na cor imita a rosa;

Quando, do Sol vermelho  
O disco ardente cresce,  
E paira sobre as águas,  
E enfim desaparece;

Quando no mar se estende  
Manto de negro dó;  
Quando, ao quebrar do vento,  
Noite e silêncio é só;

Quando sussurram meigas  
Ondas que a nau separa,  
E a rápida ardentia  
Em torno a sombra aclara.

## II

Eu já ouvi, de noite,  
Entre o pinhal fechado,  
Um frémito soturno  
Passando o vento irado:

Assim o murmúrio  
Do mar, fervendo à proa,  
Com o gemer do aflito,  
Sumido, acorde soa;

E o cintilar das águas  
Gera amargura e dor,  
Qual lâmpada, que pende  
No templo do Senhor,

Lá pela madrugada,  
Se o óleo lhe escasseia,

E a espaços expirando.  
Afrouxa e bruxuleia.

### III

Bem abundante messe  
De pranto e de saudade  
O foragido errante  
Colhe na soledade!

Para o que a pátria perde  
É o universo mudo;  
Nada lhe ri na vida;  
Mora o fastio em tudo;

No meio das procelas,  
Na calma do oceano,  
No sopro do galerno,  
Que enfuna o largo pano.

E no entestar coa terra  
Por abrigado esteiro,  
E no pousar à sombra  
Do tecto do estrangeiro.

### IV

E essas memórias tristes  
Minha alma laceraram,  
E a senda da existência  
Bem agra me tornaram:

Porém nem sempre férreo  
Foi meu destino escuro;  
Sufocou de luz um raio  
As trevas do futuro.

Do meu país querido  
A praia ainda beijei,  
E o velho e amigo cedro  
No vale ainda abracei!

Nesta alma regelada  
Surgiu ainda o gozo,  
E um sonho lhe sorriu  
Fugaz, mas amoroso.

Oh, foi sonho da infância  
Desse momento o sonho!  
Paz e esperança vinham  
Ao coração tristonho.

Mas o sonhar que monta,  
Se passa, e não conforta?  
Minh'alma deu em terra,  
Como se fosse morta.

Foi a esperança nuvem,  
Que o vento some á tarde:  
Facho de guerra aceso  
Em labaredas arde!

Do fratricídio a luva  
Irmão a irmão lançara,  
E o grito: ai do vencido!  
Nos montes retumbara.

As armas se hão cruzado:  
O pó mordeu o fone;  
Caiu: dorme tranquilo:  
Deu-lhe repouso a morte.

Ao menos, nestes campos  
Sepulcro conquistou,  
E o adro dos estranhos  
Seus ossos não guardou.

Ele herdará, ao menos,  
Aos seus honrado nome;  
Paga de curta vida  
Ser-lhe-á largo renome.

V

E a bala sibilando,  
E o trom da artilharia,  
E a tuba clamorosa,  
Que os peitos acendia,

E as ameaças torvas,  
E os gritos de furor,  
E desses que expiravam  
Som cavo de estertor,

E as pragas do vencido,  
Do vencedor o insulto.  
E a palidez do morto,  
Nu, sanguento, insepulto,

Eram um caos de dores  
Em convulsão horrível,  
Sonho de acesa febre,  
Cena tremenda e incrível!

E suspirei: nos olhos  
Me borbilhava o pranto,  
E a dor, que trasbordava,  
Pedi-me infernal canto.

Oh, sim!, maldisse o instante,  
Em que buscar viera,  
Por entre as tempestades,  
A terra em que nascera.

Que é, em fraternas lides,  
Um canto de vitória?  
É delirar maldito;  
É triunfar sem glória.

Maldito era o triunfo,  
Que rodeava o horror,  
Que me tingia tudo  
De sanguinosa cor!

Então olhei saudoso  
Para o sonoro mar;  
Da nau do vagabundo  
Meigo me riu o arfar.

De desespero um brado  
Soltou, ímpio, o poeta,  
Perdão! Chegara o mísero  
Da desventura à meta.

VI

Terra infame! – de servos aprisco,  
Mais chamar-me teu filho não sei;  
Desterrado, mendigo serei:  
De outra terra meus ossos serão!

Mas a escravo, que pugna por ferros,  
Que herdará desonrada memória,  
Renegando da terra sem glória,  
Nunca mais darei nome de irmão!

Onde é livre tem pátria o poeta,  
Que ao exílio condena ímpia sorte.  
Sobre os plainos gelados do norte  
Luz do Sol também desce do céu;

Também lá se erguem montes. e o prado  
De boninas, em Maio. se veste;  
Também lá se meneia o cipreste  
Sobre o corpo que à terra desceu.

Que me importa o loureiro da encosta?  
Que me importa da fonte o ruído?  
Que me importa o saudoso gemido  
Da rolinha sedenta de amor?

Que me importam outeiros cobertos  
Da verdura da vinha, no Estio?  
Que me importa o remanso do rio,  
E, na calma, da selva o frescor?

Que me importa o perfume dos campos,  
Quando passa da tarde a bafagem,  
Que se embebe, na sua passagem,  
Na fragrância da rosa e alecrim?

Que me importa? Pergunta insensata!  
É meu berço: a minha alma está lá...  
Que me importa... Esta boca o dirá?!  
Minha pátria, estou louco... menti!

Eia, servos! O ferro se cruze,  
Assobie o pelouro nos ares;  
Estes campos convertam-se em mares,  
Onde o sangue se possa beber!

Larga a vala!, que, após a peleja,  
Todos nós dormiremos unidos!  
Lá, vingados, e do ódio esquecidos,  
Paz faremos... depois do morrer!

Assim, entre amarguras,  
Me delirava a mente;  
E o Sol ia fugindo  
No termo do Ocidente.

E os fortes lá jaziam  
Coa face ao céu voltada;  
Sorria a noite aos monos,  
Passando sossegada.

Porém, a noite deles  
Não era a que passava!  
Na eternidade a sua  
Corria, e não findava.

Contrários ainda há pouco,  
Irmãos, enfim, lá eram!  
O seu tesouro de ódio,  
Mordendo o pó, cederam.

No limiar da morte  
Assim tudo fenece:  
Inimizades calam,  
E até o amor esquece!

Meus dias rodeados  
Foram de amor outrora;  
E nem um vão suspiro  
Terei, morrendo, agora,

Nem o apertar da dextra  
Ao desprender da vida,  
Nem lágrima fraterna  
Sobre a feral jazida!

Meu derradeiro alento  
Não colherão os meus.  
Por minha alma aterrada  
Quem pedirá a Deus?

Ninguém! Aos pés o servo  
Meus restos calcará,  
E o riso ímpio, odiento,  
Mofando soltará.

O sino lutuoso  
Não lembrará meu fim:



Preces, que o morto afagam,  
Não se erguerão por mim!

O filho dos desertos,  
O lobo carniceiro,  
Há-de escutar alegre  
Meu grito derradeiro!

Ó morte, o sono teu  
Só é sono mais largo;  
Porém, na juventude,  
É o dormi-lo amargo:

Quando na vida nasce  
Essa mimosa flor,  
Como a cecém suave,  
Delicioso amor;

Quando a mente acendida  
Crê na ventura e glória;  
Quando o presente é tudo.  
E inda nada a memória!

Deixar a cara vida,  
Então é doloroso,  
E o moribundo à Terra  
Lança um olhar saudoso.

A taça da existência  
No fundo fezes tem;  
Mas os primeiros tragos  
Doces, bem doces, vem.

E eu morrerei agora  
Sem abraçar os meus,  
Sem jubiloso um hino  
Alevantar aos Céus?

Morrer, morrer, que importa?  
Final suspiro, ouvi-lo  
Há-de a pátria. Na terra  
Irei dormir tranquilo.

Dormir? Só dorme o frio  
Cadáver, que não sente;  
A alma voa a abrigar-se  
Aos pés do Omnipotente.

Reclinar-me-ei à sombra  
Do amplo perdão do Eterno;  
Que não conheço o crime,  
E erros não pune o Inferno.

E vós, entes queridos,  
Entes que tanto amei,  
Dando-vos liberdade  
Contente acabarei.

Por mim livres chorar  
Vós podereis um dia,  
E às cinzas do soldado  
Erguer memória pia.

## D. PEDRO

Pela encosta do Líbano, rugindo,  
O noto furioso  
Passou um dia, arremessando à terra  
O cedro mais frondoso;  
Assim te sacudiu da morte o sopro  
Do carro da vitória,  
Quando, ébrio de esperanças, tu sorrias,  
Filho caro da glória.  
Se, depois de procela em mar de escolhos,  
A combatida nave  
Vê terra e vento abranda, o porto aferra,  
Com júbilo suave.  
Também tu demandaste o Céu sereno,  
Depois de uma árdua lida:  
Deus te chamou: o prémio recebeste  
Dos méritos da vida.  
Que é esta? Um ermo de espinhais cortado,  
Donde foge o prazer:  
Para o justo ela existe além da campa:  
Teme o ímpio o morrer.  
Plante-se a acácia, o símbolo do livre,  
Junto às cinzas do forte:  
Ele foi rei – e combateu tiranos –  
Chorai, chorai-lhe a morte!  
Regada pelas lágrimas de um povo,  
A planta crescerá;  
E à sombra dela a frente do guerreiro  
Plácida pousará.  
Essa frente das balas respeitada,  
Agora a traga o pó:  
Do valente, do bom, do nosso Amigo  
Restam memórias só;  
Mas estas, entre nós, com a saudade  
Perenes viverão,  
Enquanto, à voz de pátria e liberdade.  
Ansiar um coração.  
Nas orgias de Roma, a prostituta,  
Folga, vil opressor:  
Folga com os hipócritas do Tibre;  
Morreu teu vencedor.  
Envolto em maldições, em susto, em crimes  
Fugiste, desgraçado:  
Ele, subindo ao Céu, ouviu só gueixas,  
E um choro não comprado:

Encostado na borda do sepulcro,  
O olhar atrás volveu,  
As suas obras contemplou passadas,  
E em paz adormeceu:  
Os teus dias também serão contados,  
Covarde foragido;  
Mas será de remorso tardo e inútil  
Teu último gemido:  
Do passamento o cálix lhe adoçaram  
Uma filha, urna esposa:  
Quem, tigre cru, te cercará o leito,  
Nessa hora pavorosa?  
Deus, tu és bom: e o virtuoso em breve  
Chamas ao gozo eterno,  
E o ímpio deixas saciar de crimes,  
Para o sumir no Inferno?  
Alma gentil, que assim nos hás deixado,  
Entregues à alta dor,  
Anjo das preces nos serás, perante  
O trono do Senhor:  
E quando, cá na Terra, o poderoso  
As Leis aos pés calcar,  
Junto do teu sepulcro irá o oprimido  
Seus males deplorar:  
Assim, no Oriente, de Albuquerque às cinzas  
O desvalido indiano  
Mais de urna vez foi demandar vingança  
De um déspota inumano.  
Mas quem ousará à pátria tua e nossa  
Curvar nobre cerviz?  
Quem roubará ao lusitano povo  
Um povo ser feliz?  
Ninguém! Por tua glória os teus soldados  
Juram livres viver.  
Ai do tirano que primeiro ousasse  
Do voto escarnecer!  
Nesse abraço final, que nos legaste,  
Legaste o génio teu:  
Aqui – no coração – nós o guardámos;  
Teu génio não morreu.  
Jaz em paz: essa terra, que te esconde,  
O monstro abominado  
Só pisará ao baquear sobre ela  
Teu último soldado.

Eu também combati: nus pátrias lides  
Também colhi um louro:

O prantear o Companheiro extinto  
Não me será desdouro.  
Para o Sol do Oriente outros se voltem,  
Calor e luz buscando:  
Que eu pelo belo Sol, que jaz no ocaso,  
Cá ficarei chorando.

## A VITÓRIA E A PIEDADE

### I

Eu nunca fiz soar meus pobres cantos  
    Nos paços dos senhores!  
Eu jamais consagrei hino mentido  
    Da terra dos opressores.  
Mal haja o trovador que vai sentar-se  
    À porta do abastado,  
O qual com ouro paga a própria infâmia,  
    Louvor que foi comprado.  
Desonra àquele, que ao poder e ao ouro  
    Prostitui o alaúde!  
Deus à poesia deu por alvo a pátria,  
    Deu a glória e a virtude.  
Feliz ou infeliz, triste ou contente,  
    Livre o poeta seja,  
E em hino isento a inspiração transforme  
    Que na sua alma adeja.

### II

No despontar da vida, do infortúnio  
    Murchou-me o sopro ardente;  
E saudades curti em longes terras  
    Da minha terra ausente.  
O solo do desterro, ai, quanto ingrato  
    É para o foragido,  
E nevoado o céu, árido o prado,  
    O rio adormecido!  
E lá chorei, na idade da esperança,  
    Da pátria a dura sorte;  
Esta alma encaneceu; e antes de tempo  
    Ergueu hinos à morte;  
Que a morte é para o mísero risonha,  
    Santa da campa a imagem  
Ali é que se aferra o porto amigo,  
    Depois de árdua viagem.

### III

Mas quando o pranto me sulcava as faces,  
    Pranto de atroz saudade,  
Deus escutou do vagabundo as preces,  
    Dele teve piedade.

«Armas», bradaram no desterro os fortes,  
    Como bradar de um só:  
Erguem-se, voam, cingem ferros; cinge-os  
    Indissolúvel nó.  
Com seus irmãos as sacrossantas juras,  
    Beijando a cruz da espada,  
Repetiu o poeta: «Eia, partamos!  
    Ao mar!» Partia a armada,  
Pelas ondas azuis correndo afoutos,  
    As praias demandámos  
Do velho Portugal, e o balcão negro  
    Da guerra despregámos;  
De guerra em que era infâmia o ser piedoso,  
    Nobreza o ser cruel,  
E em que o golpe mortal descia envolto  
    Das maldições no fel.

#### IV

Fanatismo brutal, ódio fraterno,  
    De fogo céus toldados,  
A fome, a peste, o mar avaro, as turbas  
    De inúmeros soldados;  
Comprar com sangue pão, com sangue o lume  
    Em regelado Inverno;  
Eis contra o que, por dias de amargura,  
    Nos fez lutar o Inferno.  
Mas de fera vitória, enfim, colhemos  
    A c'roa de cipreste;  
Que a fronte ao vencedor em ímpia luta  
    Só essa c'roa veste.  
Como ela torvo, soltarei um hino  
    Depois do triunfar.  
Oh, meus irmãos, da embriaguez da guerra  
    Bem triste é o acordar!  
Nessa alta encosta sobranceira aos campos,  
    De sangue ainda impuros,  
Onde o canhão troou por mais de um ano  
    Contra invencíveis muros,  
Eu, tomando o alaúde, irei sentar-me,  
    Pedir inspirações  
À noite queda, ao génio que me ensina  
    Segredos das canções.

#### V

Reina em silêncio a lua; o mar não brame,

Os ventos nem bafejam;  
Rasas co'a terra, só nocturnas aves  
Em giros mil adejam.  
No plaino pardacento, junto ao marco  
Tombado, ou rota sebe,  
Aqui e ali, de ossadas insepultas  
O alvejar se percebe.  
É que essa veiga, tão festiva outrora,  
Da paz tranquilo império,  
Onde ao carvalho a vide se enlaçava,  
É hoje um cemitério!

## VI

Eis de esforçados mil inglórios restos,  
Depois de brava lida;  
De longo combater atroz *memento*  
Em guerra fratricida.  
Nenhum padrão recordará aos homens  
Seus feitos derradeiros.  
Nem dirá: – «Aqui dormem portugueses;  
Aqui dormem guerreiros.»  
Nenhum padrão, que peça aos que passarem  
Reza fervente e pia,  
E junto ao qual entes queridos vertam  
O pranto da agonia!  
Nem hasteada cruz, consolo ao morto;  
Nem lájea que os proteja  
Do ardente sol, da noite húmida e fria,  
Que passa e que roreja!  
Não! Lá hão-de fazer no esquecimento  
De desonrada morte,  
Enquanto, pelo tempo em pó desfeitos,  
Não os dispersa o norte.

## VII

Quem, pois, consolará gementes sombras,  
Que ondeiam junto a mim?  
Quem seu perdão da Pátria implorar ousa,  
Seu perdão do Elohim?  
Eu, o cristão, o trovador do exílio,  
Contrário em guerra crua,  
Mas que não sei verter o fel da afronta  
Sobre uma ossada nua.

## VIII



Lavradores, zagais, descem dos montes,  
Deixando terras, gados,  
Para as armas vestir, dos céus em nome,  
Por fariseus chamados.  
De um Deus de paz hipócritas ministros  
Os tristes enganaram:  
Foram eles, não nós, que estas caveiras  
Aos vermes consagraram.  
Maldito sejas tu, monstro do Inferno,  
Que do Senhor no templo,  
Junto da eterna Cruz, ao crime incitas,  
Dás do furor o exemplo!  
Sobre as cinzas da Pátria, ímpio, pensaste  
Folgar de nosso mal,  
E, entre as ruínas de cidade ilustre,  
Soltar riso infernal.  
Tu, no teu coração incipiente,  
Disseste: – «Deus não há!»  
Ele existe, malvado; e nós vencemos:  
Treme; que tempo é já!

## IX

Mas esses, cujos ossos espalhados  
No campo da peleja  
Jazem, exoram a piedade nossa;  
Piedoso o livre seja!  
Eu pedirei a paz dos inimigos,  
Mortos coma valentes,  
Ao Deus nosso juiz, ao que distingue  
Culpados de inocentes.

## X

Perdoou, expirando, o Filho do Homem  
Aos seus perseguidores;  
Perdão, também, às cinzas de infelizes;  
Perdão, oh vencedores!  
Não insulteis o morto. Ele há comprado  
Bem caro o esquecimento,  
Vencido adormecendo em morte ignóbil,  
Sem dobre ou monumento.  
C tempo d'olvidar ódios profundos  
De guerra deplorável.  
O forte é generoso, e deixa ao fraco  
O ser inexorável.

Oh, perdão para aquele a quem a morte  
No seio agasalhou!  
Ele é mudo: pedi-lo já não pode;  
O dá-lo a nós deixou.  
Além do limiar da eternidade  
O mundo não tem réus,  
O que levou à terra o pó da terra  
Julgá-lo cabe a Deus.  
E vós, meus companheiros, que não vistes  
Nossa triste vitória,  
Não precisais do trovador o canto:  
Vosso nome é da história.

XI

Assim, foi do infeliz sobre a jazida  
Que um hino murmurei,  
E, do vencido consolando a sombra,  
Por vós eu perdoei.

Este fragmento, que segue, e que servirá para inteligência dos precedentes versos, pertence a um livro já todo escrito no entendimento, mas de que só alguns capítulos estão trasladados ao papel. A Guerra da Restauração de 1832 a 1833 é o acontecimento mais espantoso e mais poético deste século. Entre os soldados de D. Pedro havia poetas: militava connosco o autor de *D. Branca*, do *Camões*. de *João Mínimo*; o Sr. Lopes de Lima, e outros: mas a política engodou todos os engenhos, e levou-os consigo. Os homens de bronze, os sete mil de Mindelo, não tiveram um cantor; e apenas eu, o mais obscuro de todos, salvei em minha humilde prosa uma diminuta porção de tanta riqueza poética. Oxalá que esse mesmo trabalho, ainda que de pouca valia, não fique esmagado e sumido debaixo do Leviatã da política. Todos nós temos vendido a nossa alma ao espírito imundo do jornalismo. E o mais é que poucos conhecem uma coisa: que política de poetas vale, por via de regra, tanto como poesia de políticos.

Fragmento. – O combate da antevéspera estava ainda vivo na minha imaginação: eu cria ver ainda os cadáveres dos meus amigos e camaradas, espalhados ao redor do fatal reduto, em que estava assentado: ainda me soavam nos ouvidos o seu clamor de entusiasmo ao acometê-lo, o sibilar das balas, o grito dos feridos, o som das armas, caindo-lhes das mãos, o gemido doloroso e longo da sua agonia, o estertor de moribundos, e o arranco final do morrer. Os dentes me rangeram de cólera, e a lágrima envergonhada de soldado me escorregou pelas faces. O Porto estava descercado; mas quantos valentes caíram nesse dia! Eu ia amaldiçoar os cadáveres dos vencidos, que ainda por aí jaziam; porém, pareceu-me que eles se alevantavam e me diziam: «lembra-te de que também fomos soldados; lembra-te de que fomos vencidos!» E eu bem sabia que inferno lhes devia ter sido, no momento de expirarem, as ideias de soldado e de vencimento, conglobadas numa só, como tremenda e indelével ignomínia, estampada na fronte do que ia transpor os umbrais do outro mundo. Então orei a Deus por eles: antes de irmão de armas eu tinha sido cristão; e Jesus Cristo perdoara, entre as afrontas da Cruz, aos seus assassinos. A ideia de perdão parecia me consolava da perda de tantos e tão valentes amigos. Havia nessa ideia torrentes de poesia; e eu te devia então, ó crença do Evangelho, talvez a melhor das minhas pobres canções. (*Da Minha Mocidade – Poesia e Meditação.*)

### A CRUZ MUTILADA

Amo-te, ó cruz, no vértice, firmada  
De esplêndidas igrejas;  
Amo-te quando à noite, sobre a campa,  
Junto ao cipreste alvejas;  
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,  
As preces te rodeiam;  
Amo-te quando em préstito festivo  
As multidões te hasteiam;  
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,  
No adro do presbitério,

Ou quando o morto, impressa no ataúde,  
    Guias ao cemitério;  
Amo-te, ó cruz, até, quando no vale  
    Negrejas triste e só,  
Núncia do crime, a que deveu a terra  
    Do assassinado o pó:

Porém quando mais te amo,  
Ó cruz do meu Senhor,  
É, se te encontro à tarde,  
Antes de o Sol se pôr,

Na clareira da serra,  
Que o arvoredado assombra,  
Quando à luz que fenece  
Se estira a tua sombra,

E o dia últimos raios  
Com o luar mistura,  
E o seu hino da tarde  
O pinheiral murmura.

\*

E eu te encontrei, num alcantil agreste,  
Meia quebrada, ó cruz. Sozinha estavas  
Ao pôr do Sol, e ao elevar-se a Lua  
Detrás do calvo cerro. A soledade  
Não te pôde valer contra a mão ímpia,  
Que te feriu sem dó. As linhas puras  
De teu perfil, falhadas, tortuosas,  
Ó mutilada cruz, falam de um crime  
Sacrílego, brutal e ao ímpio inútil!  
A tua sombra estampa-se no solo,  
Como a sombra de antigo monumento,  
Que o tempo quase derrocou, truncada.  
No pedestal musgoso, em que te ergueram  
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,  
Do presbitério rústico mandava  
O sino os simples sons pelas quebradas  
Da cordilheira, anunciando o instante  
Da ave-maria; da oração singela,  
Mas solene, mas santa, em que a voz do homem  
Se mistura nos cânticos saudosos,  
Que a natureza envia ao Céu no extremo  
Raio de sol, pasmado fugitivo  
Na tangente deste orbe, ao qual trouxeste

Liberdade e progresso, e que te paga  
Com a injúria e o desprezo, e que te inveja  
Até, na solidão, o esquecimento!

\*

Foi da ciência incrédula o sectário,  
Acaso, ó cruz da serra, o que na face  
Afrontas te gravou com mão profusa?  
Não! Foi o homem do povo, a quem consolo  
Na miséria e na dor constante hás sido  
Por bem dezoito séculos: foi esse  
Por cujo amor surgias qual remorso  
Nos sonhos do abastado ou do tirano.  
Bradando – *esmola!* a um;  *piedade!* ao outro.

Ó cruz, se desde o Gólgota não foras  
Símbolo eterno de urna crença eterna;  
Se a nossa fé em ti fosse mentida,  
Dos oprimidos de outrora os livres netos  
Por sua ingratidão dignos de opróbrio,  
Se não te amassem, ainda assim seriam.  
Mas és nuncia do Céu, e eles te insultam,  
Esquecidos das lágrimas perenes  
Por trinta gerações, que guarda a campa.  
Vertidas a teus pés nos dias torvos  
Do seu viver d'escravidão! Deslembra-se

De que. se a paz doméstica, a pureza  
Do leito conjugal bruta violência  
Não vai contaminar, se a filha virgem  
Do humilde camponês não é ludíbrio  
Do opulento, do nobre, ó Cruz. to devem;  
Que por ti o cultor de férteis campos  
Colhe tranquilo da fadiga o prémio,  
Sem que a voz de um senhor, qual dantes, dura  
Lhe diga: «É meu, e és meu! A mim deleites,  
Liberdade, abundância: a ti, escravo,  
O trabalho. a miséria unido à terra,  
Que o suor dessa fronte fertiliza,  
Enquanto, em dia de furor ou tédio,  
Não me apraz com teus restos fecundá-la.»

Quando calada a humanidade ouvia  
Este atroz blasfemar, tu te elevaste  
Lá do Oriente, ó Cruz, envolta em glória,  
E bradaste, tremenda, ao forte, ao rico:

«Mentira!», e o servo alevantou os olhos,  
Onde a esperança cintilava, a medo,  
E viu as faces do senhor retintas  
Em palidez mortal, e errar-lhe a vista  
Trépida, vaga. A cruz no céu do Oriente  
Da liberdade anunciara a vinda.

Cansado, o ancião guerreiro, que a existência  
Desgastou no volver de cem combates,  
Ao ver que, enfim, o seu país querido  
Já não ousam calcar os pés d'estranhos,  
Vem assentar-se à luz meiga da tarde,  
Na tarde do viver, junto do teixo  
Da montanha natal. Na frente calva,  
Que o sol tostou e que enrugaram anos,  
Há um como fulgor sereno e santo.  
Da aldeia semideus, devem-lhe todos  
D tecto, a liberdade, e a honra e vida.  
Ao perpassar do veterano, os velhos  
A mão que os protegeu apertam gratos;  
Com amorosa timidez os moços  
Saúdam-no qual pai. Nus largas noites  
Da gelada estação, sobre a lareira  
Nunca lhe falta o cepo incendiado;  
Sobre a mesa frugal nunca, no estio,  
Refrigerante pomo. Assim do velho  
Pelejador os derradeiros dias  
Derivam paru o túmulo suaves,  
Rodeados de afecto, e quando à terra  
A mão do tempo gastador o guia,  
Sobre a lousa a saudade ainda lhe esparze  
Flores, lágrimas, bênçãos, que consolem  
Do defensor do fraco as cinzas frias.

Pobre cruz! Pelejaste mil combates,  
Os gigantes combates dos tiranos,  
E venceste. No solo libertado,  
Que pediste? Um retiro no deserto,  
Um píncaro granítico, açoutado  
Pelas asas do vento e enegrecido  
Por chuvas e por sóis. Para ameigar-te  
Este ar húmido e gélido a segure  
Não foi ferir do bosque o rei. Do Estio  
No ardor canicular nunca disseste:  
«Dai-me, sequer, do bravo medronheiro  
O desprezado fruto!» O teu vestido  
Era o musgo, que tece a mão do Inverno

E Deus criou para trajar as rochas.  
Filha do céu, o céu era o seu tecto,  
Teu escabelo o dorso da montanha.  
Tempo houve em que esses braços te adornava  
C'roa viçosa de gentis boninas,  
E o pedestal te rodeavam preces.  
Ficaste em breve só, e a voz humana  
Fez, pouco a pouco, junto a ti silêncio.  
Que te importava? As árvores da encosta  
Curvavam-se a saudar-te, e revoando  
As aves vinham circundar-te de hinos.  
Afangava-te o raio derradeiro,  
Frouxo do Sul ao mergulhar nos mares.  
E esperavas o túmulo. O teu túmulo  
Devera ser o seio destas serras,  
Quando, em Génesis novo, à voz do Eterno,  
Do orbe ao núcleo fervente, que as gerara,  
Elas nus fauces dos bolções descessem.  
Então para essa campa flores, bênçãos,  
Ou é saudade lágrimas vertidas,  
Qual do velho soldado a lousa pede,  
Não pediras à ingrata raça humana,  
Ao pé de ti no seu sudário envolta.

\*

Este longo esperar do dia extremo,  
No esquecimento do ermo abandonada,  
Foi duro de sofrer aos teus remidos,  
Ó redentora cruz. Eras, acaso,  
Como um remorso e acusação perene  
No teu rochedo alpestre, onde te viam  
Pousar tristonha e só? Acaso, à noite,  
Quando a procela no pinhal rugia,  
Criam ouvir-te a voz acusadora  
Sobreelevar à voz da tempestade?  
Que lhes dizias tu? De Deus falavas,  
E do seu Cristo, do divino mártir,  
Que a ti, suplício e afronta, a ti maldita  
Ergueu, purificou, clamando ao servo,  
No seu transe: «Ergue-te, escravo!  
És livre, como é pura a cruz da infâmia.  
Ela vil e tu vil, santos, sublimes  
Sereis ante meu Pai. Ergue-te, escravo!  
Abraça tua irmã: segue-a sem susto  
No caminho dos séculos. Da Terra  
Pertence-lhe o porvir, e o seu triunfo

Trará da tua liberdade o dia.»

Eis porque teus irmãos te arrojam pedras,  
Ao perpassar, ó cruz! Pensam ouvir-te  
Nos rumores da noite, a antiga história  
Recontando do Gólgota, lembrando-lhes  
Que só ao Cristo a liberdade devem,  
E que ímpio o povo ser é ser infame.  
Mutilado por ele, a pouco e pouco,  
Tu em fragmentos tombarás do cerro,  
Símbolo sacrossanto. Hão-de os humanos  
Aos pés pisar-te; e esquecerás no mundo.  
Da gratidão a dívida não paga  
Ficará, ó tremenda acusadora,  
Sem que as faces lhes tinja a cor do pejo;  
Sem que o remorso os corações lhes rasgue.  
Do Cristo o nome passará na Terra.

\*

Não! Quando, em pó desfeita, a cruz divina  
Deixar de ser perene testemunha  
Da avita crença, os montes, a espessura,  
O mar, a Lua, o murmurar da fonte,  
Da natureza as vagas harmonias,  
Da cruz em nome, falarão do Verbo.

Dela no pedestal, então deserto,  
Do deserto no seio, ainda o poeta  
Virá, talvez, ao pôr do Sol sentar-se;  
E a voz da selva lhe dirá que é santo  
Este rochedo nu, e um hino pio  
A solidão lhe ensinará e a noite.

Do cântico futuro unta toada  
Não sentes vir, ó cruz, de além dos tempos  
Da brisa do crepúsculo nus asas?  
É o porvir que te proclama eterna;  
É a voz do poeta a saudar-te.

\*

Montanha do Oriente,  
Que, sobre as nuvens elevando o cume,  
Divisas logo o Sol, surgindo a aurora,  
E que, lá no Ocidente,  
Última vez seu radioso lume,



Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Rochedo, que descansas  
No promontório nu e solitário,  
Como atalaia que o oceano explora,  
Alheio ás mil mudanças  
Que o mundo agitam turbulento e vário,  
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Sobros, robles frondentes,  
Cuja sombra procura o viandante,  
Fugindo ao Sol a prumo que o devora,  
Nesses dias ardentes  
Em que o Leão nos céus passa radiante,  
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Ó mato variado,  
De rosmaninho e murta entretecido,  
De cujas ténues flores se evapora  
Aroma delicado,  
Quando és por leve aragem sacudido,  
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Ó mar, que vais quebrando  
Rolo após rolo pela praia fria,  
E fremes som de paz consoladora,  
Dormente murmurando  
Na caverna marítima sombria,  
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Ó Lua silenciosa,  
Que em perpétuo volver. seguindo a Terra,  
Esparzes tua luz ameigadora  
Pela serra formosa,  
E pelos lagos que em seu seio encerra,  
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Debalde o servo ingrato  
No pó te derribou  
E os restos te insultou,  
Ó veneranda cruz:

Embora eu te não veja  
Neste ermo pedestal;  
És santa, és imortal;  
Tu és a minha luz!

Nas almas generosas  
Gravou-te a mão de Deus,  
E, à noite, fez nos céus  
Teu vulto cintilar.

Os raios das estrelas  
Cruzam o seu fulgor;  
Nas horas do furor  
As vagas cruza o mar.

Os ramos enlaçados  
Do roble, choupo e til  
Cruzando em modos mil,  
Se vão entretecer.

Ferido, abre-o guerreiro  
Os braços, solta um ai,  
Pára, vacila, e cai  
Para não mais se erguer.

Cruzado aperta ao seio  
A mãe o filho seu,  
Que busca, mal nasceu,  
Fontes da vida e amor.

Surges; símbolo eterno,  
No Céu, na Terra e mar,  
Do forte no expirar,  
E do viver no alvor!

\*\*\*\*\*

Texto revisto e digitalizado a partir da edição de 1837 por

© Deolinda Rodrigues Cabrera

Chaves, 1996

\*\*\*\*\*